

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC VINÍCIUS BARCELOS RANGEL

**AS GUERRAS POR PROCURAÇÃO IRANIANAS E SUAS RELAÇÕES  
COM OS HOUTHIS ENTRE 2016 E 2023:  
Uma análise à luz de estratégias navais clássicas**

Rio de Janeiro

2024

CC VINÍCIUS BARCELOS RANGEL

**AS GUERRAS POR PROCURAÇÃO IRANIANAS E SUAS RELAÇÕES  
COM OS HOUTHIS ENTRE 2016 E 2023:  
Uma análise à luz de estratégias navais clássicas**

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF MORENO.

Rio de Janeiro  
Escola de Guerra Naval  
2024

## **DECLARAÇÃO DA NÃO EXISTÊNCIA DE APROPRIAÇÃO INTELECTUAL IRREGULAR**

Declaro que este trabalho acadêmico: a) corresponde ao resultado de investigação por mim desenvolvida, enquanto discente da Escola de Guerra Naval (EGN); b) é um trabalho original, ou seja, que não foi por mim anteriormente utilizado para fins acadêmicos ou quaisquer outros; c) é inédito, isto é, não foi ainda objeto de publicação; e d) é de minha integral e exclusiva autoria.

Declaro também que tenho ciência de que a utilização de ideias ou palavras de autoria de outrem, sem a devida identificação da fonte, e o uso de recursos de inteligência artificial no processo de escrita constituem grave falta ética, moral, legal e disciplinar. Ademais, assumo o compromisso de que este trabalho possa, a qualquer tempo, ser analisado para verificação de sua originalidade e ineditismo, por meio de ferramentas de detecção de similaridades ou por profissionais qualificados.

Os direitos morais e patrimoniais deste trabalho acadêmico, nos termos da Lei 9.610/1998, pertencem ao seu Autor, sendo vedado o uso comercial sem prévia autorização. É permitida a transcrição parcial de textos do trabalho, ou mencioná-los, para comentários e citações, desde que seja feita a referência bibliográfica completa.

Os conceitos e ideias expressas neste trabalho acadêmico são de responsabilidade do Autor e não retratam qualquer orientação institucional da EGN ou da Marinha do Brasil.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, a Deus, pela dádiva da vida, por ser minha fonte de força e resiliência diária, como também por ter me permitido chegar até aqui.

À minha querida esposa, Luize, pelo lar agradável e harmonioso que me concedeu tranquilidade para dedicar-me a esta pesquisa. Seu apoio incondicional à minha vida profissional, especialmente nos momentos mais difíceis, me permitiu seguir a derrota com foco, perseverança e motivação. Tudo sempre foi e continuará sendo por nossa família. Juntos, sempre venceremos!

Aos meus amados filhos, Lavínia e Henrique, que são minhas maiores conquistas e razões de minha felicidade. O esforço para a elaboração desta dissertação, embora tenha sido um período árduo e desgastante para nossa família, sempre objetivou a construção de um futuro mais promissor para vocês.

Aos meus pais, Nelson e Elizabete, pelo esforço que sempre fizeram para me proporcionar uma educação digna, mesmo com todas as dificuldades. O exemplo de vocês formou a base do meu caráter e tornou possíveis todas as minhas conquistas.

Ao CF Moreno, meu orientador, cuja disponibilidade, apoio constante e generosidade foram essenciais para elaboração desta pesquisa. Sua visão crítica e experiência relacionada ao tema foram fundamentais neste percurso acadêmico.

Aos amigos da turma Almirante Dodsworth, que compartilharam essa jornada com companheirismo e convivência fraterna, e que, sobretudo, me incentivaram a seguir em frente. Em especial, expresso minha gratidão ao CC (FN) Alves Campos por sua colaboração, e por plantar a semente da ideia que se tornou objeto desta dissertação. Sua inspiração e apoio foram importantes para este trabalho.

Por último, à Escola de Guerra Naval, por oferecer um ambiente acadêmico propício ao desenvolvimento intelectual relacionado ao conhecimento marítimo.

## RESUMO

O objetivo geral desta dissertação é investigar se as guerras por procuração praticadas pelo Irã, com ênfase nos ataques marítimos realizados pelo grupo político-religioso iemenita Houthi, entre 2016 e 2023, são aderentes às estratégias navais clássicas da Esquadra em Potência e da *Jeune École*, sobretudo no que concerne à dissuasão regional e à negação do uso do mar. Para atingir o objetivo, utilizou-se como desenho de pesquisa o confronto entre pressupostos teóricos das estratégias mencionadas e a realidade observada quanto às guerras por procuração iranianas, particularmente quanto às ações contra o tráfego marítimo. A pesquisa justifica-se pela relevância em identificar as causas e implicações das ações beligerantes de um ator não estatal, influenciadas pela atuação do Irã na chamada zona cinza. Ademais, a análise mostrou-se relevante ao examinar a estratégia iraniana de projeção de influência e envolvimento em conflitos regionais por meio das guerras por procuração, essenciais para compreensão dos ataques ao tráfego marítimo ocorridos na região do Estreito de Bab el-Mandeb. Conclui-se que o Irã, ao utilizar as guerras por procuração, com ênfase nas ações no ambiente marítimo, adere às estratégias navais clássicas, embora parcialmente. A análise comparativa com a Esquadra em Potência indicou que o Irã, como poder militar inferior, preserva suas próprias capacidades utilizando *proxies* aliados para influenciar conflitos, bem como meios de dissuasão e de negação do uso do mar, manifestados pela ameaça ao tráfego marítimo por parte dos Houthis. Por outro lado, não há uma força naval propriamente dita, o que coloca os adversários em desvantagem, uma vez que torna ineficazes as medidas de contraposição a uma esquadra em potência. A investigação quanto à aderência à *Jeune École* apontou como a maior similaridade os impactos econômicos provocados por uma guerra de curso remodelada, resultando em um efeito dissuasório, caracterizado pelos distúrbios ao transporte marítimo, especialmente durante a Crise do Mar Vermelho de 2023. Em contrapartida, a pesquisa constatou que, diferentemente da *Jeune École*, os meios empregados pelos Houthis, em sua maioria, não eram inovações, como também promoviam uma negação do uso do mar mediante operações a partir do continente.

**Palavras-chave:** Guerras por Procuração. Esquadra em Potência. *Jeune École*. Irã. Houthis. Dissuasão. Negação do Uso do Mar. Crise do Mar Vermelho. Estreito de Bab el-Mandeb.

## **ABSTRACT**

### **Iranian proxy wars and the Houthis: An Analysis in light of classic naval strategies**

The purpose of this dissertation is to investigate whether the proxy wars conducted by Iran, with an emphasis on the maritime attacks carried out by the Yemeni political-religious group Houthi between 2016 and 2023, align with the classic naval strategies of the Fleet in Being and the Jeune École, particularly concerning regional deterrence and sea denial. To achieve this purpose, the research design involved comparing the theoretical assumptions of the mentioned strategies with the observed reality of Iranian proxy wars, particularly regarding actions against maritime traffic. The research is justified by the importance of identifying the causes and implications of the belligerent actions of a non-state actor, influenced by Iran's operations in the so-called gray zone. Furthermore, the analysis proved relevant in examining Iran's strategy of projecting influence and involvement in regional conflicts through proxy wars, essential for understanding the maritime traffic attacks occurring in the Bab el-Mandeb Strait region. It is concluded that Iran's use of proxy wars, with an emphasis on actions in the maritime environment, partially adheres to classic naval strategies. The comparative analysis with the Fleet in Being indicated that Iran, as an inferior military power, preserves its capabilities by using allied proxies to influence conflicts, as well as means of deterrence and sea denial, demonstrated by the threat to maritime traffic posed by the Houthis. On the other hand, there is no actual naval force, which places adversaries at a disadvantage, as countermeasures against a fleet in being become ineffective. The investigation into adherence to the Jeune École found the greatest similarity in the economic impacts caused by a remodeled form of privateering, resulting in a deterrent effect characterized by disturbances to maritime transportation, especially during the 2023 Red Sea Crisis. Conversely, the research found that, unlike the Jeune École, the means employed by the Houthis were mostly not innovations but rather promoted sea denial through operations from the mainland.

**Keywords:** Proxy Wars. Fleet in Being. Jeune École. Iran. Houthis. Deterrence. Sea Denial. Red Sea Crisis. Bab el-Mandeb Strait.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Ataques ao tráfego marítimo na região do Estreito de Bab el-Mandeb.....	55
FIGURA 2 – Desvio das rotas marítimas.....	56
FIGURA 3 – Diminuição da carga transportada por navios porta-contêineres.....	57

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAM	-	Controle de Área Marítima
CTF	-	<i>Combined Task Force</i>
EUA	-	Estados Unidos da América
GCC	-	<i>Gulf Cooperation Council</i>
IRGC	-	<i>Islamic Revolutionary Guard Corps</i>
IRGC-QF	-	<i>Islamic Revolutionary Guard Corps-Quds Force</i>
ITN	-	<i>Iran Threat Network</i>
LCM	-	Linhas de Comunicações Marítimas
MB	-	Marinha do Brasil
RN	-	<i>Royal Navy</i>
RPG	-	<i>Rocket-propelled Grenade</i>
UAE	-	<i>United Arab Emirates</i>
UAV	-	<i>Unmanned Aerial Vehicle</i>
USN	-	<i>United States Navy</i>
USV	-	<i>Unmanned Surface Vessel</i>
WBIED	-	<i>Water-Borne Improvised Explosive Device</i>

## LISTA DE SÍMBOLOS

%	Porcentagem
p.	Página(s)

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>AS ESTRATÉGIAS NAVAIS CLÁSSICAS COMO REFERENCIAIS TEÓRICOS..</b>	<b>12</b>
2.1	A ESQUADRA EM POTÊNCIA: UMA ALTERNATIVA À BATALHA DECISIVA.....	13
2.2	A <i>JEUNE ÉCOLE</i> E A GUERRA AO COMÉRCIO.....	16
2.3	CONCLUSÕES PARCIAIS.....	21
<b>3</b>	<b>O IRÃ E OS HOUTHIS NO CONTEXTO DAS GUERRAS POR PROCURAÇÃO..</b>	<b>23</b>
3.1	AS GUERRAS POR PROCURAÇÃO E A ZONA CINZA.....	24
3.2	AS GUERRAS POR PROCURAÇÃO: UMA FINALIDADE ESTRATÉGICA.....	25
3.3	OS HOUTHIS E SUAS RELAÇÕES COM O IRÃ.....	27
3.4	OS HOUTHIS E OS ATAQUES AO COMÉRCIO MARÍTIMO.....	30
3.5	CONCLUSÕES PARCIAIS.....	35
<b>4</b>	<b>AS GUERRAS POR PROCURAÇÃO E AS TEORIAS CLÁSSICAS.....</b>	<b>37</b>
4.1	UMA ANÁLISE À LUZ DA ESQUADRA EM POTÊNCIA.....	37
4.2	UMA ANÁLISE À LUZ DA <i>JEUNE ÉCOLE</i> .....	41
4.3	CONCLUSÕES PARCIAIS.....	45
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>47</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>50</b>
	<b>ANEXO.....</b>	<b>55</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Os ataques a navios mercantes no Mar Vermelho e no Golfo de Áden, ocorridos a partir de 19 de outubro de 2023, atraíram os olhares do mundo para o Oriente Médio, devido aos impactos causados ao comércio marítimo internacional. Nesta região, localizam-se relevantes corredores marítimos, como o Estreito de Ormuz e o de Bab el-Mandeb, que representam algumas das principais Linhas de Comunicações Marítimas (LCM) vitais para a economia mundial, especialmente, no que diz respeito ao escoamento da indústria petrolífera e transporte de cargas, entre a Ásia e a Europa.

As ações contra o tráfego marítimo foram realizadas pelo grupo político-religioso iemenita Houthi<sup>1</sup>, que controla, desde 2015, parte do território do Iêmen. Destaca-se que as ações empreendidas por aquele grupo paramilitar, com métodos assimétricos e táticas de guerra irregular, ilustram práticas integradas em um amplo e diversificado conjunto de atividades coordenadas e influenciadas pelo Irã, no contexto das guerras por procuração ou *proxy wars*.

Desse modo, o objeto desta pesquisa são as guerras por procuração praticadas pelo Irã, com enfoque em suas relações com o grupo iemenita Houthi e nas ações empreendidas por este grupo no ambiente marítimo, entre 2016 e 2023.

Convém ressaltar que a seleção do objeto de pesquisa se justifica pela importância de identificar as causas e as implicações dos danos provocados ao transporte marítimo, tendo como elementos centrais atores não estatais. Além disso, insta esclarecer que, embora os ataques aos navios mercantes tenham recebido maior destaque a partir dos eventos ocorridos em 2023, é essencial considerar, para uma investigação mais extensiva e equilibrada, uma moldura temporal mais ampla.

Além disso, merece menção que a pesquisa realizada possui relevância notável, uma vez que realiza um exame profundo da estratégia contemporânea iraniana quanto às atividades do Estado na zona cinza, com destaque para o emprego das guerras por procuração, essencial para a compreensão do *modus operandi* do Irã, no que tange à projeção de sua influência e ao envolvimento nos conflitos regionais.

Assim, esta dissertação tem como objetivo geral investigar se as guerras por

---

<sup>1</sup> O movimento Houthi, oficialmente denominado Ansar Allah (na língua portuguesa, seguidores de Deus), tem como origem o grupo Al-Shabab al-Mumin (na língua portuguesa, os jovens fiéis), que foi fundado entre as décadas de 1970 e 1980. O nome Houthi é procedente de um de seus fundadores, Muhammad Hussein Badr al-Din al-Houthi (Juneau, 2016, p. 651).

procuração praticadas pelo Irã, com ênfase nos ataques realizados pelo movimento Houthi no ambiente marítimo, entre 2016 e 2023, são aderentes às estratégias navais clássicas da Esquadra em Potência e da *Jeune École*, no que diz respeito à dissuasão regional e à negação do uso do mar.

Para tanto, será adotado, como desenho de pesquisa, o confronto entre as teorias de apoio mencionadas anteriormente e a realidade do objeto de pesquisa — as guerras por procuração iranianas, com ênfase nas ações empreendidas pelos Houthis no ambiente marítimo — identificando similaridades e diferenças.

Outrossim, para atingir o objetivo geral, desenvolveu-se a seguinte questão de pesquisa: a utilização pelo Irã das guerras por procuração, com ênfase nas ações no ambiente marítimo, possui aderência às estratégias navais clássicas da Esquadra em Potência e da *Jeune École*? Não foram formuladas hipóteses.

A dissertação encontra-se organizada em cinco capítulos, incluindo esta introdução. No segundo capítulo, serão analisados os principais aspectos teóricos da Esquadra em Potência, como uma alternativa à batalha decisiva, e da *Jeune École*, examinando sua relevância para a guerra ao comércio. Ademais, serão realizadas algumas considerações sobre a importância das LCM.

No terceiro capítulo, será examinado o objeto dessa pesquisa. Inicialmente, serão investigadas a relevância, na perspectiva iraniana, das guerras por procuração e de suas ações na zona cinza, bem como a importância dos procuradores, ou *proxies*, para os objetivos estratégicos do Estado. Em seguida, será realizada uma análise aprofundada das relações do Irã com o movimento Houthi. E, ao final do capítulo, será apresentado um panorama dos ataques ao tráfego marítimo.

No quarto capítulo, as evidências enumeradas e analisadas nos capítulos dois e três serão confrontadas. Este processo possibilitará o reconhecimento de similaridades e diferenças, os quais contribuirão para verificar, na conclusão, se há aderência da realidade do objeto de pesquisa às teorias de apoio.

No quinto e último capítulo, serão apresentadas as conclusões deste autor, contendo ainda as implicações do resultado da pesquisa para a Marinha do Brasil (MB), bem como uma sugestão para pesquisas futuras.

Desta forma, no próximo capítulo, serão examinados os aspectos teóricos mais relevantes da Esquadra em Potência e da *Jeune École*.

## 2 AS ESTRATÉGIAS NAVAIS CLÁSSICAS COMO REFERENCIAL TEÓRICO

No decorrer da história, pensadores de estratégia naval descreveram a importância da atuação das marinhas de guerra na garantia à liberdade de navegação, no controle das LCM e na proteção ao tráfego marítimo. Isto posto, é oportuno observar alguns conceitos relativos ao comando do mar, conforme ensinado pelo historiador naval britânico Julian Corbett (1854–1922):

O objetivo da guerra naval deve ser sempre, direta ou indiretamente, garantir o comando do mar ou impedir que o inimigo o assegure [...]. O comando do mar, portanto, nada mais significa do que o controle das comunicações marítimas, seja para fins comerciais ou militares. O objetivo da guerra naval é o controle das comunicações [...] (Corbett, 1911, p. 91-94, tradução nossa)<sup>2</sup>.

Além disso, Corbett (1911, p. 103) ainda complementou que o comando do mar poderia ser exercido em vários níveis: as marinhas de maior envergadura, com um controle do mar mais abrangente, ao passo que as marinhas mais modestas poderiam desempenhar um controle relativo, em áreas restritas e por tempo limitado.

Outrossim, nesta dissertação, será empregado o conceito de estratégia do professor Colin Gray que, em sua obra *Modern Strategy* (1999), em adaptação a Clausewitz, define que a estratégia é o caminho que liga o poder militar aos fins políticos de um Estado. Ademais, Gray acrescenta que a estratégia abrange o emprego de todos os recursos de um país, de forma coordenada, com o propósito de serem atingidos os objetivos do Estado, incluindo os métodos não convencionais.

Assim, para permitir uma investigação profunda acerca do objeto de pesquisa, este capítulo tem o propósito de examinar aspectos relevantes das estratégias navais clássicas da Esquadra em Potência e da *Jeune École*.

Desse modo, o capítulo será dividido em três seções: na primeira, serão apontadas as principais características da Esquadra em Potência, como uma alternativa à batalha decisiva; na segunda, serão identificadas as principais contribuições da *Jeune École* para a guerra ao comércio; e na última, serão apresentadas as conclusões parciais.

---

<sup>2</sup> No original: “*The object of naval warfare must always be directly or indirectly either to secure the command of the sea or to prevent the enemy from securing it [...]. Command of the sea, therefore, means nothing but the control of maritime communications, whether for commercial or military purposes. The object of naval warfare is the control of communications [...]*”.

Dessa forma, a seguir, será iniciada a descrição dos principais elementos teóricos, começando pela Esquadra em Potência.

## 2.1 A ESQUADRA EM POTÊNCIA: UMA ALTERNATIVA À BATALHA DECISIVA

A **batalha decisiva**, ao longo do desenvolvimento da estratégia marítima, teve ampla adesão na literatura, sendo defendida por um significativo número de teóricos da guerra naval como o único caminho para conquista e manutenção do domínio do mar<sup>3</sup>, em sua concepção clássica, tendo como principal propagador Alfred Thayer Mahan (1840–1914).

Dentre os pressupostos do conceito de batalha decisiva, destaca-se que o confronto direto entre duas forças somente ocorreria caso o oponente mais fraco consentisse o risco envolvido, haja vista poderia ocasionar severas perdas à esquadra perdedora, ou até mesmo sua completa destruição (Coutau-Bégarie, 2010, p. 460).

Destarte, conforme destacou o historiador britânico Geoffrey Till (2018, p. 217), as marinhas incapazes de obter o domínio do mar, consideradas forças navais mais fracas, evitarão a batalha decisiva, uma vez que serão incapazes de derrotar um inimigo com capacidade superior. Por conseguinte, buscarão alternativas, sendo uma das possibilidades a adoção da estratégia da Esquadra em Potência.

Durante a implementação desta estratégia, assume-se que a força naval de capacidade inferior adotará uma postura predominantemente passiva<sup>4</sup>, mantendo-se posicionada em portos ou bases abrigadas. Embora, neste caso, a esquadra não esteja sendo empregada ativamente, esta terá um maior valor que uma frota que seja destruída ou capturada pelo inimigo (Coutau-Bégarie, 2010, p. 462).

A teoria da Esquadra em potência foi defendida e pioneiramente estruturada pelo Almirante Philip Colomb, por meio de sua obra *Naval Warfare* (1891). Neste livro, Colomb apresenta um estudo indicando a gênese da expressão *fleet in being*<sup>5</sup>,

<sup>3</sup> O conceito clássico de domínio do mar teve como principal defensor o Contra-Almirante estadunidense Alfred Thayer Mahan (1840–1914), cuja principal obra foi o *The Influence of Sea Power upon History 1660–1783* (1890). Nesta obra, Mahan conceituou que o domínio do mar absoluto poderia ser alcançado apenas por meio de uma vitória em uma batalha decisiva, o que asseguraria o controle das LCM (Coutau-Bégarie, 2010, p. 460).

<sup>4</sup> Neste trabalho, consideraremos que uma postura passiva seja equivalente a uma atitude defensiva. Ao decorrer da dissertação, veremos que a postura também poderá ser ativa ou ofensiva.

<sup>5</sup> Na língua portuguesa, esquadra em potência.

cunhada, em 1690, pelo Almirante Arthur Herbert<sup>6</sup> (1647–1716), durante a Guerra dos Nove Anos<sup>7</sup>. O termo foi mencionado ao Parlamento inglês por ocasião de sua defesa por ter supostamente hesitado em enfrentar as forças francesas (Hattendorf, 2018).

O Almirante Herbert, ao deparar-se com a frota naval francesa com número superior de navios, decidiu, inicialmente, não prosseguir com o engajamento. Contudo, por determinação do governo britânico, foi obrigado a prosseguir com o ataque, sendo derrotado na batalha de *Beachy Head* (Speller, 2014, p. 49).

Em sua obra, Philip Colomb (1891, p. 122) relata a defesa do Almirante Herbert: embora a esquadra britânica fosse numericamente menor, a força naval francesa não teria capacidade para derrotá-los, caso os britânicos se esquivassem da batalha, assegurando, dessa forma, que aquela frota da *Royal Navy* (RN) não fosse destruída. Ademais, o Almirante Herbert em sua argumentação ao Parlamento britânico, mencionou: “se eu tivesse lutado de outra forma, nossa frota teria sido totalmente perdida e o Reino estaria aberto para invasão [...]. Enquanto mantivéssemos nossa **esquadra em potência**, eles [os franceses] não ousariam realizar uma tentativa” (Colomb, 1891, p. 122, tradução nossa, grifo nosso)<sup>8</sup>.

Diante disto, pode-se inferir que uma marinha mais fraca poderá abdicar de um enfrentamento direto, adotando uma estratégia essencialmente **defensiva**, mantendo-se em **potência**, em portos, ancoradouros ou áreas abrigadas. Isto é justificado pela concepção de que, mesmo sem possuir o domínio do mar, sua simples **existência** irá restringir as opções e os movimentos do adversário, viabilizando uma significativa vantagem estratégica (Speller, 2014, p. 49). Em outras palavras, a mera presença de uma força naval inferior, mesmo que recolhida em áreas abrigadas, representará uma ameaça à esquadra mais forte, contribuindo para uma **dissuasão existencial** (Coutau-Bégarie, 2010, p. 462).

Além do mais, Julian Corbett (1911, p. 211) enfatizou que uma ação naval

---

<sup>6</sup> O Almirante Arthur Herbert, que possui os títulos de Barão Torbay e Conde de Torrington, foi um Oficial da marinha britânica. Após não ter enfrentado os franceses na Batalha de *Beachy Head*, durante a Guerra dos Nove Anos, foi julgado e absolvido (Arthur [...], [s. d.]).

<sup>7</sup> A Guerra dos Nove Anos, ocorrida entre 1689 e 1697, é também conhecida como Guerra da Grande Aliança ou Guerra da Liga de *Augsburg*. O conflito teve origem na política expansionista do Rei Luís XIV, da França, que acabou derrotado por uma coalizão formada por Inglaterra, Países Baixos, Sacro Império Romano, Espanha e Portugal (War, 2024).

<sup>8</sup> No original: “*but had I fought otherwise, our fleet had been totally lost, and the kingdom had lain open to an invasion [...] whilst we had a fleet in being, they would not dare to make an attempt*”.

defensiva, empregada ao adotar-se a esquadra em potência, consistiria em furtar-se de batalhas decisivas, de forma a preservar a existência de uma frota naval. A partir disso, oportunamente, algumas ações podem ser exploradas, como o *harassment*<sup>9</sup>; o Controle de Área Marítima (CAM), por períodos limitados; e a negação do exercício do comando do mar pelo adversário. Como ilustração, a atuação da marinha alemã, na Primeira Guerra Mundial (1914–1918), é um exemplo de Esquadra em Potência, com uma atitude defensiva. Com uma marinha inferior à da RN, a Alemanha adotou uma **postura dissuasória** para desestimular o Reino Unido a atacar seu território (Till, 2018, p. 220-221).

Outrossim, conforme descreveu Julian Corbett, o comando do mar é relativo, pois se constitui, essencialmente, do controle das LCM. Como o estabelecimento de um elevado grau de controle das linhas de comunicações é considerado difícil, concluiu-se que o comando do mar não pode ser absoluto, conforme defendido por Mahan (Till, 2018). Assim sendo, o propósito de uma força naval se torna, fundamentalmente, o **controle das LCM** e não a conquista do domínio do mar. Desse modo, uma alternativa, apresentada por Corbett, seria a **negação do controle das LCM** pelo inimigo.

À conta disso, Geoffrey Till (2018, p. 217) sublinhou que o propósito da adoção da Esquadra em Potência, além de não se envolver em uma batalha decisiva, é de restringir a vantagem estratégica do inimigo em estabelecer o comando do mar, como também, simplesmente, de **negar o seu uso ao adversário**.

Sob outra perspectiva, uma esquadra em potência pode adotar uma atitude **ofensiva moderada**, com uma postura ativa. Nessa última, enquadram-se as ações praticadas pelas marinhas mais fracas para fins estratégicos, como os ataques às LCM e as perturbações à navegação comercial (Migaki, 2021; Till, 2018, p. 218).

Os ataques ao tráfego marítimo, neutro ou do inimigo, como também às forças militares adversárias, incluindo meios navais e instalações em terra, podem ser realizados por meio de **ofensivas de pequeno vulto**, associadas à evasão, conhecidas como raides *hit-and-run*. Este método permite a **negação do uso** do mar; o impedimento do acesso a *choke points*<sup>10</sup>; o bloqueio de portos; e a ameaça ao

<sup>9</sup> Fustigação ou assédio à esquadra inimiga (Coutau-Bégarie, 2010, p. 443).

<sup>10</sup> *Choke points* (ou pontos de estrangulamento, em português) são áreas com especificidades geográficas, geralmente localizadas nos estreitos e canais marítimos, como os Estreitos de Hormuz,

tráfego marítimo (Coutau-Bégarie, 2010, p. 461; Speller, 2014, p. 98).

Ainda no aspecto das ofensivas moderadas, as ações contra o tráfego marítimo ou contra elementos das forças navais adversárias podem promover a dispersão de suas forças, uma vez que forcem a divisão e o deslocamento de meios operativos para áreas críticas, para atuação em ações defensivas (Coutau-Bégarie, 2010).

No passado, o bloqueio naval<sup>11</sup> era considerado a principal arma contra uma marinha que adotasse a Esquadra em Potência (Till, 2018, p. 224). Contudo, com o passar do tempo, a permanência em portos ou ancoradouros foi se tornando cada vez mais insegura, com uma maior vulnerabilidade das forças navais, devido ao desenvolvimento de modernos sistemas de combate, como mísseis, foguetes e bombas, lançados por aeronaves, *drones* e navios (Hughes Jr.; Girrier, 2018).

A título de exemplo histórico, é possível citar o ataque realizado pelo HMS *Illustrious*, durante a Segunda Guerra Mundial (1939–1945), quando este torpedeou navios da marinha italiana, protegidos no porto de Taranto (Itália), causando severas avarias (Hughes Jr.; Girrier, 2018). Com efeito, na atualidade, devido à evolução tecnológica, incluindo o desenvolvimento das armas de precisão, não se pode afiançar que a estratégia de Esquadra em Potência poderia suscitar os resultados de outrora.

Isso posto, destaca-se que a Esquadra em Potência, uma alternativa às forças navais com menores capacidades, pode ser empregada com uma abordagem defensiva ou por meio de ações ofensivas. A postura defensiva viabiliza uma dissuasão existencial favorável ao partido mais fraco, influenciando as decisões do inimigo. Por outro lado, uma postura ofensiva poderá incorrer em impactos negativos para a frota naval adversária e, principalmente, para a segurança do tráfego comercial.

A seguir, prossegue-se com a descrição de aspectos teóricos da *Jeune École* e sua contribuição à guerra ao comércio.

## 2.2 A JEUNE ÉCOLE E A GUERRA AO COMÉRCIO

A *Jeune École* foi uma escola de guerra naval alternativa originada na França,

---

Bab el-Mandeb e o Canal de Suez, suscetíveis a ações militares defensivas e ofensivas, conhecidas como operações de barragem, realizadas por *choke point controls* (Speller, 2014, p. 105).

<sup>11</sup> Ressalta-se que o bloqueio naval tem características e propósitos diferentes de um bloqueio comercial, que objetiva a implementação de restrições econômicas ao inimigo (Till, 2018, p. 224).

na segunda metade do século 19, que defendia o afastamento da marinha francesa dos fundamentos da escola clássica histórica<sup>12</sup>, conhecida como *Vieille École*. A escola histórica apregoava a primazia dos grandes navios de linha armados com canhões e a busca da batalha decisiva, com postura predominantemente ofensiva (Coutau-Bégarie, 2010, p. 443; Till, 2018, p. 91).

Em contraste, a *Jeune École*, ou escola técnica, defendia a esquiwa à batalha decisiva, bem como a utilização de novas tecnologias em uma guerra ao comércio marítimo, como uma remodelação da guerra de corso<sup>13</sup>. Este estilo de guerra naval era mais adequado para uma marinha com poucos recursos (Till, 2018, p. 91). Além disso, ao contrário da guerra de corso tradicional, que empregava navios privados contratados pelos governos, a *Jeune École* passou a utilizar a marinha de guerra francesa para ataques às embarcações engajadas no comércio marítimo (Coutau-Bégarie, 2010, p. 457).

No início do século 19, a RN possuía a marinha de guerra mais poderosa do mundo. Por sua vez, a marinha francesa não possuía condições de se colocar em posição vantajosa para enfrentá-la. A França que, historicamente, se preocupava com invasões pelas fronteiras terrestres, não poderia destinar significativa parcela de recursos financeiros para construir uma marinha mais forte (Speller, 2014, p. 58).

Os princípios da *Jeune École* remontam, principalmente, de dois pensadores: o arquiteto militar francês Marshal Vauban (1633–1707)<sup>14</sup>, que no século 18 advogava pela *la petit guerre navale*<sup>15</sup>, com características de **guerra irregular**<sup>16</sup>; e o Barão Richard Grivel (1778–1869), que se posicionava contra os grandes navios de linha, ao passo que defendia o **ataque ao comércio marítimo** (Speller, 2014, p. 58).

Neste ponto, é oportuno destacar a relevância de Grivel que, em sua obra *De*

<sup>12</sup> A escola histórica, ou *Vieille École*, conhecida como dogmática, englobou o pensamento clássico de guerra naval que defendia a busca pela batalha decisiva (Coutau-Bégarie, 2010, p. 443).

<sup>13</sup> A guerra de corso, em sua concepção clássica, pregava a recusa à batalha decisiva contra um inimigo mais forte, voltando suas ações contra seu tráfego comercial. É considerada uma estratégia de desgaste. Até o século 19, os ataques a embarcações comerciais inimigas eram realizados por navios privados (Coutau-Bégarie, 2010, p. 464).

<sup>14</sup> Marshal Vauban (1633–1707) foi um arquiteto militar francês que, além de suas contribuições para os fundamentos da *Jeune École*, também propôs inovações quanto à arte do cerco e às fortificações defensivas (Quimby, 2024).

<sup>15</sup> Na língua portuguesa, a pequena guerra naval.

<sup>16</sup> A guerra irregular trata-se de uma guerra não convencional, consistindo em uma estratégia alternativa, que não segue normas ou padrões éticos, acreditando que seja lícito atacar o inimigo por todos os meios (Coutau-Bégarie, 2010, p. 271).

*La Guerre Maritime* (1869), descreveu o arcabouço teórico, base dos conceitos da *Jeune École*: o potencial da tecnologia tinha condições de suplantar a primazia numérica de uma poderosa marinha, com o modelo de guerra irregular (Canuel, 2018).

Ademais, cabe ressaltar que Grivel identificou duas importantes contribuições para a *Jeune École*. A primeira, foi a constatação de que, historicamente, os confrontos entre forças navais tradicionais resultaram em graves perdas para a frota mais modesta. Com relação à segunda, Grivel alertava que a marinha francesa possuía dois tipos de adversários: a poderosa RN, rival histórico, e de outro lado, as marinhas das potências terrestres, de menores capacidades (Canuel, 2018).

Em razão disso, Grivel destacou que possuir uma marinha especialmente dedicada a confrontar a RN seria inútil. Por outro lado, defendia uma esquadra francesa com capacidades para negar o uso do mar, por meio da guerra ao comércio marítimo, além de se contrapor às demais marinhas mais fracas (Canuel, 2018).

Conforme destacado por Geoffrey Till (2018, p. 91), as ideias da *Jeune École* ganharam maior força a partir de 1874, por meio do Almirante francês Theophile Aube (1826–1890) e do jornalista francês Gabriel Charmes (1850–1886). Essa influência teve seu auge quando o Almirante Aube, como Ministro da marinha francesa, reforçou os investimentos para o desenvolvimento de submarinos e para a construção, em larga escala, de navios de guerra menores, mais velozes e de baixo custo.

Dessa maneira, a marinha francesa passou a priorizar os ataques ao tráfego mercante por meio de ações que resultassem em impactos significativos nas fontes de riqueza do Reino Unido. Ressalta-se ainda que a guerra ao comércio promoveria uma escalada dos custos dos seguros dos navios, uma vez que o Reino Unido, por questões geográficas, era fortemente dependente do comércio marítimo. Com efeito, o Almirante Aube aduzia a importância das ações ofensivas contra o comércio, sendo os navios mercantes os alvos principais (Canuel, 2018; Dahl, 2005).

Outrossim, Aube endossou um pressuposto assumido por Grivel ao também defender que o propósito da guerra naval era a **negação do uso do mar**. Além disso, Aube afirmou que a guerra ao comércio ajudaria a minar a capacidade econômica do Reino Unido, posicionando a França vantajosamente em negociações com o governo britânico (Speller, 2014, p. 59). Em suma, o estilo proposto pela *Jeune École* era, na prática, um tipo de guerra irregular com finalidade estratégica (Till, 2018, p. 92).

Isto posto, ressalta-se que a guerra contra o comércio objetivava promover perturbações ao tráfego marítimo, restringindo o controle das LCM, sendo, desse modo, empregada para **dissuasão estratégica**. Ademais, os ataques ao tráfego comercial ainda motivariam a dispersão da força naval adversária, devido à necessidade de proteção das LCM. Esse fato contribuiria para enfraquecer as marinhas poderosas, encurtando as diferenças em poder combatente.

Desse modo, justificava-se a construção de **torpedeiros**, navios pequenos, rápidos e, relativamente, de baixo custo; **minas**; **pequenas embarcações armadas com canhões**; e **navios de defesa de litoral**, para que fossem empregados na guerra costeira<sup>17</sup>, com o propósito de restringir o acesso ao litoral francês, além de impedir a realização de bloqueios cerrados<sup>18</sup>. Destaca-se também a idealização de **cruzadores**, navios empregados para ataques ao comércio marítimo, além de possibilitar bombardeios ao litoral inimigo (Coutau-Bégarie, 2010, p. 436; Speller, 2014, p. 59).

Os apoiadores da *Jeune École* acreditavam que os conceitos praticados pela escola histórica estavam ultrapassados, devido ao surgimento de novas tecnologias aplicáveis à guerra naval, como o advento das **minas marítimas** e **torpedos**. Por conseguinte, essas inovações serviriam como instrumentos de equilíbrio entre as marinhas, chamados de **equalizadores de poder**. Assim sendo, a *Jeune École* se tratava de um estilo de guerra não convencional, com ataques ao tráfego comercial e *harassment* às forças navais adversárias (Coutau-Bégarie, 2010, p. 436-443).

Outrossim, para o Almirante Aube, a guerra comercial poderia ser exercida contra marinhas de qualquer envergadura, tendo o torpedo de corrida independente, como inovação tecnológica, o papel de **novo navio capital**, em comparação aos navios de linha da escola histórica (Canuel, 2018).

A partir de 1887, após o Almirante Aube deixar o cargo, o processo de renovação da marinha francesa, que se encontrava em curso, foi desmantelado. Assim, a *Jeune École* falhou na tentativa de transformar a política naval francesa, bem como de contribuir de forma sólida para a construção de um novo modelo de guerra

---

<sup>17</sup> A guerra costeira, conforme as ideias do Almirante Aube, teria o propósito de neutralizar um bloqueio cerrado, ou aproximado, exercido pelo adversário, por meio do emprego de cruzadores, a fim de permitir a saída da força naval bloqueada para o mar (Coutau-Bégarie, 2010, p. 463).

<sup>18</sup> No século 19, o bloqueio naval era empregado como forma de se contrapor a um adversário que recusasse a batalha decisiva, permanecendo em suas bases. O bloqueio era considerado cerrado quando realizado nas proximidades dos portos e bases, a curta distância (Coutau-Bégarie, 2010).

naval. Como constatação, na década de 1890, as maiores marinhas permaneciam focadas na operação de grandes navios de linha (Speller, 2014, p. 60).

As consequências do fracasso se materializaram em frágeis bases estruturais, que guiariam a marinha francesa até a Primeira Guerra Mundial (1914–1918) (Speller, 2014, p. 60). Destarte, alguns historiadores creditam à *Jeune École* o insucesso da frota naval francesa no conflito. O despreparo da marinha francesa foi justificado pelo insucesso das ideias da escola técnica, que colocaram a França em uma posição de atraso quanto à tecnologia naval e ao poder combatente se comparado aos navios das marinhas defensoras da *Vieille École* (Lavernhe, 2018).

Uma das razões para o malogro da *Jeune École* foi a valorização excessiva dos efeitos das inovações tecnológicas. O emprego noturno dos torpedeiros contra navios de um bloqueio não se demonstrou tão eficiente. Ademais, os torpedeiros e cruzadores apresentaram dificuldades de navegação em mar aberto (Till, 2018, p. 92).

Além disso, as fragilidades e deficiências dos navios de linha inimigos foram superestimadas. A utilização do telégrafo pelos navios facilitou o Comando e Controle, tornando-os menos vulneráveis. Ademais, uma nova classe de navio, o *destroyer*, foi desenvolvida para escolta e proteção de navios de linha contra os ataques de cruzadores e torpedeiros. Além do mais, os navios foram aperfeiçoados em termos estruturais, como o reforço nas blindagens, tornando-se menos suscetíveis a grandes avarias por ataques de torpedos (Speller, 2014, p. 60).

É proveitoso observar que, mesmo tendo fracassado, a *Jeune École* representou um movimento audacioso e inovador na busca por alternativas que dotassem as marinhas mais fracas de melhores capacidades para enfrentamento às esquadras mais poderosas. Isso pode ser demonstrado pela aderência à escola técnica por parte de algumas marinhas modestas, como da Áustria, Austrália e Japão. Contudo, o maior expoente de adesão às ideias da *Jeune École* apareceu apenas quatro décadas depois, durante a Grande Guerra, com a atuação dos *U-Boats* alemães na guerra de corso contra navios mercantes britânicos (Till, 2018, p. 93).

Vale ressaltar que a forma de operação da *Jeune École* somente teria algum êxito contra inimigos que fossem muito dependentes do comércio marítimo. Com isso, aquela escola, na prática, acabou pouco contribuindo à França nas guerras contra a Alemanha e, paradoxalmente, foram os alemães, e não os britânicos, que se tornaram

os maiores inimigos da França nas duas guerras mundiais (Speller, 2014, p. 61).

Assim sendo, embora as ideias da *Jeune École* não tenham obtido o sucesso esperado, esta representou uma quebra de paradigma na guerra naval por haver tentado alternativas para confrontação contra marinhas mais fortes, com a utilização de novos recursos tecnológicos, aliados a abordagens consagradas de guerra ao comércio.

Na próxima seção, serão apontadas as conclusões parciais deste capítulo.

### 2.3 CONCLUSÕES PARCIAIS

Neste capítulo, inicialmente compreendeu-se que o comando do mar está estreitamente relacionado com o controle das LCM, que pode ser exercido em diferentes graus, sendo, por isso, de natureza relativa.

Conforme ensinado pela estratégia naval clássica, a ocorrência de uma batalha decisiva no mar sujeita-se à propensão dos antagonistas envolvidos a aceitarem eventuais perdas, ou até mesmo, sua aniquilação. Desta forma, pôde-se reconhecer que as marinhas mais modestas geralmente evitam a batalha decisiva, adotando a estratégia da Esquadra em Potência. Infere-se, neste caso, que a frota naval permaneceria recolhida em áreas abrigadas, mesmo de forma passiva, pois, nessas circunstâncias, ainda teria um valor maior do que se a esquadra fosse destruída.

A Esquadra em Potência, de caráter inerentemente defensivo, ainda possibilita a imposição de restrições ao controle das LCM pelos adversários, uma vez que, ao pressupor a existência de uma força naval abrigada e pronta para operação, representa um risco permanente à liberdade de navegação, contribuindo para uma dissuasão existencial exercida por uma marinha de capacidade inferior.

Além disso, esta estratégia pode ser empregada de forma ofensiva, com ataques ao tráfego marítimo do adversário, civil ou militar, por meio das ofensivas de pequeno vulto. Estas ações permitem a negação do uso de uma área marítima de interesse, particularmente nos acessos a *choke points* e canais estreitos. Além desse fator, as ações ofensivas podem motivar a dispersão das forças inimigas para proteção de sua frota mercante nacional, quando em operação em regiões críticas.

Acresça-se ainda que, atualmente, a disponibilidade de sistemas de armas

avançados transformou as bases navais, ancoradouros e portos, antes considerados seguros, em áreas vulneráveis, reduzindo a efetividade da Esquadra em Potência.

Ao longo do capítulo, também foram identificados os aspectos mais relevantes da *Jeune École*, escola de guerra naval alternativa surgida no final do século 19. Este novo modelo, apropriado para marinhas com recursos limitados, defendia o afastamento dos conceitos da *Vieille École*, cujos fundamentos estavam ancorados nos grandes navios de linha, grande poder de combate e na batalha decisiva.

Por outro lado, o ponto central da *Jeune École* consistia na guerra contra o comércio marítimo do inimigo, por meio da negação do uso de suas LCM, bem como do *harassment* às forças navais adversárias, com métodos não convencionais. Ademais, a escola técnica contribuiria para o enfraquecimento das forças adversárias, devido à necessidade de dispersão de unidades navais para proteção de suas LCM.

Ainda que as ações contra o tráfego marítimo já tivessem sido praticadas no passado, a escola técnica introduziu, como grande inovação, a exploração da guerra ao comércio com o propósito de afetar a economia do país adversário, visando impactar seu esforço de guerra e incitar questões psicossociais. Desse modo, reconhece-se a finalidade estratégica da *Jeune École*, bem como a capacidade de um país em exercer dissuasão sobre seus adversários.

Além do mais, embora se considere que a *Jeune École* tenha fracassado, esta escola legou ensinamentos relevantes quanto a novas tecnologias, como a mina e o torpedo, em conjunto com a antiga prática da guerra de corso. Sob outra perspectiva, como as inovações materiais da escola técnica simbolizavam equalizadores de poder, conclui-se que a *Jeune École* representou uma iniciativa ousada a fim de viabilizar a confrontação das marinhas mais fortes pelas forças navais de menor porte.

Por fim, destaca-se que, com a escola técnica, a guerra ao comércio passou a ser empreendida por forças navais próprias do Estado, ao contrário de outrora, quando realizada por entes privados contratados.

No próximo capítulo, serão examinadas as guerras por procuração praticadas pelo Irã, com enfoque nas ações empreendidas pelos Houthis no ambiente marítimo.

### 3 O IRÃ E OS HOUTHIS NO CONTEXTO DAS GUERRAS POR PROCURAÇÃO

As LCM são preponderantes para o comércio mundial devido à sua função essencial no transporte de mercadorias entre as distintas regiões do globo. Nesse contexto, acresça-se que o Estreito de Bab el-Mandeb, situado em uma região caracterizada por graves tensões geopolíticas, é um corredor marítimo vital para o escoamento das trocas comerciais, com cerca de 12% do volume mundial.

Neste cenário, pode-se destacar a estratégia do Estado iraniano que, a partir da década de 1980, passou a adotar atividades desenvolvidas na chamada zona cinza. Dentre estas ações, ressaltam-se as guerras por procuração com utilização de atores não estatais para alcance dos objetivos estatais sem envolvimento direto nos conflitos regionais. Ali Housseini Khamenei, Líder Supremo do Irã desde 1989, resumizou, desta forma, a base da política externa iraniana:

Nós também temos capacidades importantes fora do país. Temos apoiadores, temos profundidade estratégica, tanto por toda a região quanto no interior do país. Alguns nos apoiam devido ao Islamismo, outros devido ao idioma e outros por conta do islamismo xiita. Todos constituem a profundidade estratégica do país (IISS, 2019, p. 7, tradução nossa)<sup>19</sup>.

Nesse sentido, com o objetivo de estender sua influência no Oriente Médio e confrontar adversários regionais, entre 2016 e 2023, durante a guerra civil no Iêmen, o Irã prestou suporte ao grupo político-religioso Houthi. Em decorrência deste conflito, aquele grupo paramilitar perpetrou ações ofensivas no ambiente marítimo do Estreito de Bab el-Mandeb, que ocasionaram significativos impactos ao comércio marítimo.

Assim sendo, neste capítulo, o propósito é investigar as guerras por procuração praticadas pelo Irã, com enfoque nas conexões com o movimento Houthi e nas ações realizadas por aquele grupo no ambiente marítimo.

Em razão disso, este capítulo, será dividido em cinco seções: na primeira, será examinado como as guerras por procuração são empregadas no espectro da zona cinza; na segunda, será analisado como o Irã utiliza as guerras por procuração como finalidade estratégica; na terceira, serão estudadas as relações do Irã com o

---

<sup>19</sup> No original: “*We also have important capabilities outside of the country. We have supporters, we have strategic depth, both across the region and in this country. Some support us because of Islam, others because of the language, and others because of Shia Islam. They all constitute the country’s strategic depth*”.

movimento Houthi; na quarta, será apresentada uma síntese dos ataques ao comércio marítimo realizados por aquele grupo; e na última, as conclusões parciais.

Cabe ressaltar que o escopo desta dissertação não contempla a análise profunda da guerra civil do Iêmen, tão pouco de sua campanha terrestre. Por conta disso, o âmago deste estudo estará concentrado nas ações no ambiente marítimo.

Dessa forma, a seguir, será efetuada uma análise quanto à atuação dos Estados na zona cinza e ao emprego das guerras por procuração neste contexto.

### 3.1 AS GUERRAS POR PROCURAÇÃO E A ZONA CINZA

As guerras por procuração, ou *proxy wars*, que têm ocorrido ao longo da história dos conflitos armados, são caracterizadas pela instrumentalização de terceiros em um conflito, com objetivo de influenciar indiretamente seu desfecho estratégico. Assim, as guerras por procuração, como uma estratégia contemporânea, se distinguem pelo alcance dos objetivos por um Estado sem que este tenha que enfrentar possíveis consequências de um envolvimento direto em conflitos (Mumford, 2013, p. 1).

Na guerra por procuração, os valores despendidos pelos Estados financiadores geralmente são menores que os gastos associados à mobilização de suas próprias forças militares. Além disso, o confronto direto e as perdas materiais e de vidas humanas ficam a cargo do procurador (Byman, 2018). Dessa forma, diversos Estados, ao longo do tempo, optaram por este modelo de guerra por ser estrategicamente vantajoso, de reduzido custo e de baixo risco (Bryjka, 2020; Mumford, 2013, p. 1).

Além do mais, para alguns especialistas, as guerras por procuração estão inseridas em um contexto mais amplo: o emprego, por parte de Estados ou atores não estatais, de métodos alternativos para atingir seus objetivos estratégicos, incluindo atividades que se situam entre a guerra tradicional e a situação de paz. Esta forma de atuação ocorre no chamado espectro da **zona cinza** (Hicks *et al.*, 2019, p. 2).

Neste ponto, destaca-se ainda que, no meio acadêmico, diversos termos são empregados para caracterizar, como será visto mais adiante, as atividades que ocorrem abaixo dos limites de um conflito convencional, como *soft power*, *sharp power*, guerra híbrida, competição estratégica, entre outros (Hicks *et al.*, 2019, p. 3). Desse modo, devido à variedade de termos, será empregado, neste capítulo, apenas a

expressão zona cinza como correspondente ao arcabouço conceitual desta seção.

Os esforços empreendidos na zona cinza, para serem efetivos, devem ser mantidos abaixo dos limites, ou *thresholds*, de um conflito tradicional que, caso ultrapassados, provocariam respostas contundentes dos adversários. Em razão disso, as ações empregadas nesse contexto são intencionalmente mantidas em um campo ambíguo entre a rivalidade e a conciliação (Mazarr, 2015, p. 2). Outrossim, nos conflitos contemporâneos, as ações na zona cinza adotadas por Estados ou grupos não estatais podem envolver um vasto espectro de atividades, compreendendo ações de natureza militar ou não militar, tais como as exercidas nos campos econômico, diplomático e cultural (Bryjka, 2020, p. 2; Bunting, 2023, p. 8).

No Oriente Médio, o Irã se beneficia das fortes conexões culturais que, ao centralizarem elementos como religião, etnicidade e idioma, facilitam o estabelecimento de laços com procuradores, como o Hezbollah, no Líbano; o Kata'ib Hezbollah, no Iraque; os Houthis, no Iêmen; e o Hamas, na Faixa de Gaza (Fox, 2021). Desse modo, a atuação do Estado iraniano na zona cinza visa fortalecer sua influência no Oriente Médio, por meio de ações diretas e indiretas de naturezas distintas e com grande capilaridade. Ademais, o Irã se vale da diplomacia do petróleo, bem como dos recursos financeiros advindos dessa indústria, para financiar suas ambições de expansão de poder, utilizando, entre outras ferramentas, os grupos *proxies* que, presumivelmente, são apoiados pelo Estado iraniano (Mazarr, 2015, p. 44).

Destarte, destaca-se que as guerras por procuração representam meios de atuação dos Estados no âmbito da zona cinza, permanecendo abaixo do *threshold* da eclosão de um conflito armado (Hicks *et al.*, 2019, p. 7; Bunting, 2023, p. 8).

Na próxima seção, será examinada a utilização, pelo Irã, das guerras por procuração para atingir os objetivos estratégicos do Estado.

### 3.2 AS GUERRAS POR PROCURAÇÃO: UMA FINALIDADE ESTRATÉGICA

Na era contemporânea, são raros os Estados que valorizam tanto o emprego de *proxies* como elemento central de sua política externa, como a República Islâmica do Irã. Conforme descreveu o professor Afshon Ostovar (2019, p. 1), o Irã é o Estado com maior êxito na mobilização de *proxies* para fins estratégicos. Na última década,

conforme destacado pelo *International Institute for Strategic Studies* (IISS, 2019, p. 12), a influência regional iraniana em Estados como Iraque, Líbano, Síria e Iêmen tornou-se um paradigma no Oriente Médio.

Após a Revolução Islâmica<sup>20</sup> de 1979, o Irã e os Estados Unidos da América (EUA) romperam relações diplomáticas, iniciando-se um período de hostilidades, devido à adoção do antiamericanismo pelos líderes da revolução como um dos fundamentos de sua ideologia (Tabatabai; Martini; Wasser, 2021, p. 4).

A guerra contra o Iraque (1980–1988) trouxe lições significativas para o Irã, contribuindo para a formulação de um novo modelo estratégico: a utilização de capacidades assimétricas, por meio de ações estratégicas externas apoiadas em *proxies* (IISS, 2019, p. 15; Tabatabai; Martini; Wasser, 2021, p. 1).

Ademais, a partir da década de 1980, as sanções econômicas impostas pelos países ocidentais trouxeram consequências adversas para a economia iraniana, especialmente no que diz respeito à capacidade de investimento militar. Dessa forma, o sucateamento das forças armadas iranianas, aliado à presença de adversários regionais, obrigou Teerã a adotar uma política que evitasse conflitos convencionais, priorizando a ações na zona cinza por meio do emprego de *proxies* (IISS, 2019, p. 15).

A RAND Corporation, *think tank* estadunidense especializado em política global, cunhou o termo *Iran Threat Network* (ITN) para designar a rede de grupos não estatais apoiados, em algum grau, pelo Irã. Nesse aspecto, o Irã utiliza a ITN como um poderoso instrumento de **dissuasão regional**, valendo-se da atuação de *proxies* alinhados com seus objetivos estratégicos. De igual forma, a ITN é o principal meio de projeção de poder do país na região, sendo este aspecto fundamental para sua segurança interna (Tabatabai; Martini; Wasser, 2021, p. 1-3).

No que diz respeito às vantagens que obtém com seus *proxies*, Afshon Ostovar (2019, p. 13-14), em sua obra, identificou alguns benefícios obtidos pelos iranianos. Primeiramente, o Irã demonstra capacidade de ameaçar seus adversários de forma crível por meio dos seus *proxies*, produzindo um efeito dissuasório relevante. Em segundo lugar, os *proxies* ampliam a influência iraniana sobre os conflitos regionais. Os ataques conduzidos pelos Houthis, durante a guerra civil no Iêmen, a objetivos na

---

<sup>20</sup> A Revolução Islâmica foi uma revolta popular ocorrida no Irã, em 1979, que resultou na derrubada da monarquia e na criação da República Islâmica (Afary, 2024).

Arábia Saudita, bem como no ambiente marítimo, são exemplos desta prática.

Além disso, as ações por meio dos *proxies* previnem os altos custos de uma guerra direta; reduzem riscos de diversas naturezas; e garantem a plausibilidade da negação pelo Estado iraniano da autoria de atos belicosos que lhe possam ser imputados. Ademais, o emprego dos *proxies* contribui para o gerenciamento da percepção de risco, visto que os adversários precisam considerar que um hipotético ataque deliberado ao Irã poderá resultar em um contra-ataque pelos procuradores iranianos (IISS, 2019, p. 16; Tabatabai; Martini; Wasser, 2021, p. 5).

Convém destacar que a organização iraniana responsável pelo gerenciamento das ações externas é o Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica, ou *Islamic Revolutionary Guard Corps* (IRGC), ideologicamente alinhado com a vertente religiosa do Estado. Por sua vez, a tarefa de apoio direto aos *proxies*, com atuação externa, é empreendida pela Força Quds, ou *Quds Force* (IRGC-QF), que integra uma rede conhecida como Eixo da Resistência<sup>21</sup> (Hicks *et al.*, 2019, p. 10; IISS, 2019, p. 15-18).

Por fim, dentre os efeitos estratégicos alcançados pela rede de *proxies* do Irã, ressalta-se a influência exercida na LCM do Estreito de Bab el-Mandeb, em decorrência dos impactos ao transporte marítimo causados pelo grupo iemenita Houthi, *proxy* iraniano. Assim, na próxima seção, será realizada uma análise mais detalhada das relações entre o Estado iraniano e os Houthis.

### 3.3 OS HOUTHIS E SUAS RELAÇÕES COM O IRÃ

Após a independência do Reino Unido, em 1967, o governo central do Iêmen, de predominância sunita, sempre demonstrou fraquezas, viabilizando pressões de grupos opositores, como o grupo iemenita político-religioso *Ansar Allah*<sup>22</sup>, conhecido como Houthis, formado na década de 1990 (Juneau, 2016, p. 651).

Os Houthis são originários da província de Saada, situada no noroeste do país, constituem cerca de 30 a 35% da população e são seguidores do zaidismo, um ramo

---

<sup>21</sup> Eixo da Resistência se trata de um termo usado para designar Estados e atores não estatais que se opõem à presença militar dos EUA e Israel no Oriente Médio (IISS, 2019, p. 5).

<sup>22</sup> O movimento Ansar Allah (na língua portuguesa, seguidores de Deus) tem como origem o grupo Al-Shabab al-Mumin (na língua portuguesa, os jovens fiéis), que foi fundado entre as décadas de 1970 e 1980 (Juneau, 2016, p. 651).

do islamismo xiita. Ademais, desde 2004, o movimento Houthi tem travado confrontos contra o governo central do Iêmen (Juneau, 2016, p. 651; Ostovar, 2019, p. 8).

Em junho de 2004, após reivindicações dos Houthis por direitos políticos, culturais e religiosos, foi iniciado um período de seis conflitos contra o governo central iemenita, com término em 2010. Vale mencionar que os Houthis não objetivavam a independência territorial, porém reivindicavam maior autonomia nas regiões onde eram, historicamente, prevaletentes (IISS, 2019, p. 160–162; Juneau, 2016, p. 652).

Apesar de ter se iniciado como uma questão interna, o conflito, com o tempo, passou a ser influenciado por atores regionais (Juneau, 2016, p. 652). Assim, a partir de 2004, os iranianos começaram a prover suporte militar e financeiro aos Houthis, ainda que de ordem não significativa (Terrill, 2014 *apud* Juneau, 2016, p. 655-656). Por outro lado, em 2009, a Arábia Saudita, temendo as instabilidades próximas à sua fronteira sul, iniciou uma intervenção militar com ataques às posições ocupadas pelos Houthis, além de estabelecer um bloqueio naval no litoral noroeste do Iêmen, a fim de interromper o recebimento de armas por aquele grupo (Juneau, 2016, p. 652).

Com o envolvimento da Arábia Saudita, a percepção do Irã sobre o conflito alterou-se sensivelmente, uma vez que os iranianos permaneciam focados em sua rivalidade com os sauditas devido à escalada de tensões, à época, em relação ao programa nuclear do Irã. Com isso, os iranianos reforçaram o apoio aos Houthis. Assim, o período de conflitos se encerrou em 2010, marcado pela consolidação do poderio militar dos Houthis; a intervenção da Arábia Saudita, em 2009; e a intensificação das relações entre o movimento Houthi e o Irã (IISS, 2019, p. 160-161).

Em 2011, os eventos da Primavera Árabe atingiram o Iêmen, com milhões de pessoas em manifestações, que contou com relevante participação dos Houthis. Em novembro daquele ano, o então presidente do país Ali Abdullah Saleh (1942–2017)<sup>23</sup>, por meio de um acordo mediado pela Arábia Saudita e seus aliados do GCC (*Gulf Cooperation Council*)<sup>24</sup>, renunciou ao cargo (Juneau, 2016, p. 652–653). Ademais, ressalta-se que, com a Primavera Árabe, o Irã intensificou o suporte financeiro, em treinamento e o envio de armas aos Houthis (IISS, 2019, p. 162).

---

<sup>23</sup> O político iemenita Ali Abdullah Saleh foi o líder da unificação do Iêmen e liderou o país por 34 anos, até renunciar em 2012 (Kasinof, 2012 *apud* Juneau, 2016, p. 651).

<sup>24</sup> O *Gulf Cooperation Council* (na língua portuguesa, Conselho de Cooperação do Golfo) é uma aliança política e econômica de países do Oriente Médio (Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Kuwait, Catar, Bahrein e Omã), fundada em 1981 (Gulf, 2024).

Em 2014, beneficiando-se da instabilidade no país, os Houthis avançaram em direção ao sul e, por meio de um golpe de estado, tomaram a capital do país, Sanaa, dando início a uma violenta guerra civil. Com o contínuo avanço dos Houthis em direção ao sul do país, o presidente iemenita Abd Rabbuh Mansur Al-Hadi foi forçado a fugir para a Arábia Saudita, onde solicitou uma ação militar de resposta. Assim, em março de 2015, iniciou-se a Operação Tempestade Decisiva por uma coalizão árabe liderada pela Arábia Saudita, com participação de aliados do GCC e apoiada politicamente pelos EUA (IISS, 2019, p. 163; Juneau, 2016, p. 647-654).

A guerra civil do Iêmen, deflagrada em 2014 e que perdurou ao longo do período analisado nesta pesquisa, desencadeou uma intervenção militar de alto custo para a Arábia Saudita e os EUA quanto à mobilização de forças em apoio ao governo central iemenita. Em contrapartida, embora o Irã tenha contribuído relativamente com menos recursos para os Houthis, o conflito serviu aos interesses iranianos, uma vez que permitiu a confrontação, de forma indireta, com adversários regionais. Nesse contexto, registra-se ainda que o Irã consolidou sua influência sobre uma valiosa posição estratégica na península arábica, representada pelo Estreito de Bab el-Mandeb, corredor marítimo importante para o comércio global, incluindo as exportações de combustíveis pela Arábia Saudita (Ostovar, 2019, p. 21-24).

Em suma, a posição geográfica do Iêmen, com acesso ao Golfo de Áden e ao Mar Vermelho, é muito relevante devido à sua posição estratégica. Desse modo, a Arábia Saudita tenta conter a expansão iraniana. Por outro lado, o Irã entende que o Iêmen desempenha um papel-chave e, por isso, instrumentaliza as ações dos Houthis, como *proxies*, para minar as aspirações sauditas (Koshaimah; Zou, 2023, p. 1-3). Além disso, cabe apontar que somente após a intervenção militar da Arábia Saudita no Iêmen, em 2015, os Houthis ganharam destaque nos planos iranianos, ao passarem a atuar como meio, de forma indireta e a baixo custo, para o confronto com os sauditas (Ostovar, 2019, p. 21).

Outrossim, destaca-se que a Força Quds e o grupo libanês Hezbollah atuam no suporte aos Houthis, fortalecendo sua capacidade militar. A lista de armas e equipamentos transferidos aos Houthis é extensa: mísseis guiados antitanque; mísseis balísticos e de cruzeiro; minas marítimas; *Unmanned Aerial Vehicles* (UAV), do modelo Qasef-1; foguetes, do modelo Katyusha; sistema de defesa antiaérea

portátil Misagh-2; e *Unmanned Surface Vessels* (USV), embarcações não tripuladas armadas. Ressalta-se que o *drone* Qasef-1, remotamente pilotado e armado, similar à família de *drones* iranianos Ababil-T, constitui-se o modelo de *drone* mais utilizado pelos Houthis. Além disso, a Força Quds e o Hezbollah também atuam em suporte aos Houthis com assessoramento militar, além de oferecer treinamento e apoio na operação e manutenção de sistemas e equipamentos (Jones *et al.*, 2021, p. 5).

Assim sendo, ressalta-se que o Irã e os Houthis mantêm uma aliança estratégica em oposição à Arábia Saudita, compartilhando valores e ideais políticos semelhantes, contrários também aos EUA e seus aliados. Ademais, o Irã considerou o conflito no Iêmen como uma oportunidade para expandir sua influência sobre o Estreito de Bab el-Mandeb, *choke point* vital ao comércio marítimo. Destarte, como será examinado na próxima seção, o início do conflito Israel-Hamas, em outubro de 2023, intensificou ainda mais as investidas dos Houthis ao tráfego marítimo.

### 3.4 OS HOUTHIS E OS ATAQUES AO COMÉRCIO MARÍTIMO

Conforme mencionado no início deste capítulo, além de não ser realizada uma análise aprofundada sobre a guerra civil do Iêmen, também não serão abordadas em detalhes as ações ofensivas dos Houthis ao território saudita. Dessa forma, esta seção dará enfoque aos ataques realizados no ambiente marítimo, entre 2016 e 2023. Ademais, este trabalho não intenciona descrever a totalidade dos incidentes ocorridos. Contudo, serão apontadas situações específicas que permitirão a assimilação de conhecimento suficiente para a análise.

O espaço geográfico, onde ocorreram os ataques do objeto desta pesquisa, fica centrado no Estreito de Bab el-Mandeb, que serve de conexão entre o Mar Vermelho e o Golfo de Áden. Ademais, o estreito congrega umas das mais importantes LCM do transporte marítimo mundial. O estreito, em seu trecho mais crítico, possui dez milhas náuticas de largura, facilitando a ocorrência de ataques a navios que navegam pelas suas águas. À conta disso, como *choke point*, qualquer ameaça a esta rota marítima ocasiona significativo impacto ao comércio marítimo (Koshaimah; Zou, 2023, p. 2; Lott, 2022, p. 117-122).

Os primeiros ataques dos Houthis à rota marítima do Estreito de Bab el-Mandeb,

ocorridos em 2015, foram motivados por uma integração de fatores como a guerra civil no Iêmen e a intervenção no conflito realizada pela Arábia Saudita, por meio da Operação Tempestade Decisiva (Juneau, 2016, p. 654). Dentre as implicações, destaca-se que, ao atacar o tráfego marítimo, os Houthis enviavam uma mensagem à Arábia Saudita e aos EUA, bem como aos seus aliados, alertando-os sobre os riscos impostos aos seus interesses na região (Jalal, 2023). Assim, ressalta-se o efeito dissuasório estabelecido pelos iranianos, resultante das ações de seu *proxy* iemenita.

Apesar dos ataques a alvos terrestres sauditas terem se iniciado em 2015, foi a partir de 2016, que os Houthis passaram a priorizar a destruição de infraestruturas críticas, bem como os ataques a objetivos marítimos. À conta disso, o movimento Houthi iniciou uma ofensiva paramilitar contra a Arábia Saudita e seus aliados do GCC, incluindo ataques a navios mercantes e de guerra, utilizando minas marítimas, mísseis, USV e UAV, na região do Estreito de Bab el-Mandeb (Jones *et al.*, 2021, p. 4; Palik, 2021, p. 112). Os ataques no ambiente marítimo, realizados no início com armas simples, como o RPG (*Rocket-propelled Grenades*), evoluíram, com o tempo, para armas mais complexas (Jones *et al.*, 2021, p. 1-2; Weiss, 2019).

No que diz respeito às **minas marítimas**, a navegação pelo Estreito de Bab el-Mandeb tornou-se ameaçada pelo emprego destes artefatos plantados pelos Houthis no Mar Vermelho, sendo a maioria do tipo flutuante. Historicamente, essas minas têm sido responsáveis por acidentes envolvendo a navegação comercial e barcos de pesca regionais, considerando ainda que centenas desses dispositivos, lançados ao norte do estreito, derivam para o Golfo de Áden, colocando em riscos as embarcações. Para ilustrar, entre 2015 e 2018, a coalizão internacional liderada pela Arábia Saudita desativou cerca de 90 minas no Mar Vermelho (Lott, 2022, p. 129-130). Ademais, há evidências de que os Houthis obtiveram algum grau de suporte dos iranianos para operação de tais dispositivos (IISS, 2019, p. 167-173).

Entre outubro de 2016 e agosto de 2019, foram realizados cerca de 40 ataques a embarcações naquela região. Em cerca de 22 oportunidades, foram empregados os **mísseis de cruzeiro antinavio C-802** de fabricação chinesa. Como há registros de que a China tenha vendido este tipo de míssil para o Irã, depreende-se que aqueles foram cedidos aos Houthis pelos iranianos (Lagrone, 2016; Weiss, 2019).

Em outubro de 2016, o USS *Mason*, o USS *Ponce* e o USS *San Antonio*, da

*United States Navy* (USN); e o HSV-2 *Swift*, operado pelos Emirados Árabes Unidos ou *United Arab Emirates* (UAE), foram atacados pelos Houthis com emprego de mísseis antinavio C-802, quando navegavam pelo Estreito de Bab el-Mandeb. Os navios estadunidenses não foram atingidos, após terem adotado medidas defensivas por meio de **mísseis superfície-ar SM-2**. Contudo, o navio emiradense foi seriamente danificado. Em resposta, estações com radares de guiagem de mísseis, localizadas no litoral do Iêmen, foram destruídas por **mísseis Tomahawks** de alto custo, lançados por navios da USN (Lagrone, 2016; Stewart, 2016; Yemen [...], 2016).

Ainda em outubro daquele ano, o navio gaseiro *Galicia Spirit*, de bandeira espanhola, quando navegava pelo estreito, sofreu um ataque suicida por uma **lança carregada com explosivos**, não resultando em avarias graves. Na mesma semana, outro navio gaseiro, o *Melatt Satu*, foi atacado por **RPG**, enquanto operava na mesma região (Lott, 2022, p. 129).

O período entre 2017 e 2020 foi marcado pelo emprego intensivo de UAV, USV e minas marítimas (Jones *et al.*, 2021, p. 4). Em janeiro de 2017, quando navegava no Mar Vermelho, a Fragata *al Madinah* da Arábia Saudita foi atacada por três USV, que operavam a partir de uma região dominada pelos Houthis, no litoral iemenita. Este foi o primeiro ataque com emprego de embarcações do tipo **USV<sup>25</sup>**, conhecidas como *drone boats* (Cavas, 2017; Sutton, 2020). A utilização de USV representou uma inovação devido ao emprego de embarcações controladas remotamente, carregadas com explosivos, como um meio de superfície não convencional.

Com relação ao emprego de **UAV**, entre 2017 e junho de 2021, foram realizados 24 ataques marítimos contra embarcações comerciais utilizando-se aquele meio, estando concentrados na área marítima do porto de Hodeidah<sup>26</sup>, situado no litoral oeste do Iêmen (Jones *et al.*, 2021, p. 11).

Durante o ano de 2017, o Irã se valeu dos Houthis para promover ataques relevantes contra a Arábia Saudita e UAE por meio das ações no ambiente marítimo, como também em ataques às infraestruturas no território saudita por meio de **mísseis balísticos de longo alcance** (Bunting, 2023, p. 17; IISS, 2019, p. 167).

Em julho de 2018, após a retomada da cidade de Hodeidah pela coalizão árabe,

<sup>25</sup> Tecnicamente chamado de *Water-borne Improvised Explosive Device* (WBIED).

<sup>26</sup> A cidade de Hodeidah, quarta maior cidade do Iêmen, está situada a oeste do país.

dois navios petroleiros de bandeira saudita, que navegavam ao norte do Estreito de Bab el-Mandeb, foram atacados pelos Houthis com emprego de mísseis antinavio. Naquela ocasião, como medida de segurança preventiva, a Arábia Saudita interrompeu o transporte de petróleo por dez dias, ocasionando **impactos ao comércio internacional** (Molenda, 2018; Williams; Shaikh, 2020, p. 6-7).

Ainda em 2018, destaca-se uma gradual redução da utilização de mísseis balísticos, acompanhada por uma intensificação do emprego de **UAV**, ou *drones* armados, especialmente os do tipo Qasef-1. Entre 2018 e 2020, os Houthis realizaram ataques com emprego de UAV a alvos em terra, como bases militares, infraestruturas de energia e aeroportos (Williams; Shaikh, 2020, p. 7-8). Em 2019, o número de ações ofensivas foi expressivo, porém significativas apenas no ambiente terrestre. Com relação a 2020, os ataques diminuíram, embora tenham ocorrido incidentes no mar contra alvos sauditas (Bunting, 2023, p. 19).

Desse modo, ressalta-se que, embora fossem utilizados desde 2017, foi apenas a partir de 2020 que os Houthis passaram a empregar USV de maior alcance e maiores dimensões, facilmente camufláveis como barcos de pesca. Em março de 2020, o navio-tanque *Gladiolus* de bandeira saudita, foi atacado por um grupo dos novos USV, quando navegava no Golfo de Áden, a 90 milhas náuticas do litoral sul do Iêmen, a maior distância do litoral até então (Jones *et al.*, 2021, p. 11).

Em 2021, o número de ataques perpetrados pelos Houthis contra Arábia Saudita e UAE aumentou significativamente em relação a 2020, gerando relevantes impactos nos ambientes terrestre e marítimo (Jones *et al.*, 2021, p. 2). Ademais, os Houthis continuaram a plantar minas no Mar Vermelho e a empregar USV em ataques a navios e infraestruturas de petróleo sauditas, consolidando-se como uma ameaça de longo prazo ao comércio mundial de petróleo (Zimmerman, 2022, p. 15).

Em 2022, os ataques praticados pelos Houthis foram eficazes, apesar de em menor número, estando concentrados contra alvos terrestres nos Emirados Árabes Unidos, bem como contra infraestruturas de energia da Arábia Saudita (Kaushal, 2024). Ademais, destaca-se o apresamento do navio de carga geral *Rwabee* de bandeira emiradense e operado pela Arábia Saudita, ocorrido em janeiro, no Mar Vermelho, que foi justificado pelos Houthis por estar transportando carga de natureza militar (Yemen's [...], 2022).

Após o início do conflito Israel-Hamas, em outubro de 2023, as tensões no Mar Vermelho aumentaram. Em apoio ao Hamas, os Houthis anunciaram que passariam a atacar navios com conexões com Israel ou em trânsito para aquele país, ao contrário do que ocorria anteriormente, quando as ações se concentravam nas embarcações ligadas à Arábia Saudita. Além disso, os Houthis passaram a atacar objetivos no território israelense (Childs, 2023). À conta disso, a partir de 19 de novembro de 2023, os Houthis intensificaram as ações ofensivas no corredor marítimo do Estreito Bab el-Mandeb, elevando-as a uma escala superior à dos anos anteriores, o que ficou conhecido como a Crise do Mar Vermelho (Scarr *et al.*, 2024).

No período de 19 de novembro até o final de 2023, ocorreram 18 ataques a navios mercantes, seja por mísseis, seja por UAV, de acordo com o observado na figura 1. Ademais, o navio *roll-on roll-off Galaxy Leader*, de propriedade de uma empresa japonesa, que possuía conexões com Israel, foi sequestrado pelos Houthis no Mar Vermelho, em uma ação com emprego de um **helicóptero**, sendo, após isso, direcionado para águas territoriais iemenitas (Scarr *et al.*, 2024).

A intensificação dos ataques no ambiente marítimo ocasionou distúrbios à navegação no Estreito de Bab el-Mandeb, principal rota marítima entre a Ásia e a Europa, por onde trafegam cerca de 12% do comércio marítimo internacional. Assim, tais incidentes provocaram impactos no transporte marítimo, alterando a geografia das LCM (Duggal; Haddad, 2024).

Ao final de 2023, cerca de 50% dos navios de carga e petroleiros sofreram alteração de rota marítima, passando a contornar o Cabo da Boa Esperança, no sul da África, de acordo com o observado na figura 2. Além disso, a quantidade de navios porta-contêineres navegando pelo Estreito de Bab el-Mandeb, naquele período, reduziu-se na ordem de 78%, incorrendo ainda em aumento de custos e tempo das viagens, de acordo com o observado na figura 3 (Duggal; Haddad, 2024).

A Operação *Prosperity Guardian*, uma coalizão liderada pelos EUA, foi criada, em 18 dezembro de 2023, a fim de atuar, juntamente com navios de marinhas aliadas, na proteção do tráfego marítimo na região. A coalizão atuou na interceptação de mísseis e *drones* armados, mitigando os efeitos negativos à navegação comercial. No entanto, até o final de 2023, os esforços empreendidos não foram suficientes para reduzir as ameaças a um grau considerado seguro pelas companhias marítimas (Kleberg, 2024).

É imperioso ressaltar que as armas utilizadas pelos Houthis possuíam um baixo custo em comparação com os dispêndios militares da Arábia Saudita. A título de exemplo, o sistema de defesa antiaérea de mísseis *Patriot*, utilizado no ambiente terrestre, bem como a operação dos navios de guerra da coalizão árabe, no ambiente marítimo, são mais onerosos e, por vezes, não eficazes na contraposição aos USV e UAV empregados pelos Houthis (Zimmerman, 2022, p. 15).

Assim sendo, o movimento Houthi, entre 2016 e 2023, promoveu uma série de ataques na região do Estreito de Bab el-Mandeb, ponto estratégico para o comércio internacional. Essas ações, com emprego de mísseis, USV, UAV e minas marítimas, ocasionaram perturbações ao transporte marítimo e compeliram muitos navios a alterarem suas rotas marítimas, resultando em impactos negativos à economia global. Inicialmente motivados pelo conflito no Iêmen, os Houthis também buscavam dissuadir os interesses dos EUA e Arábia Saudita na região. Contudo, após o início do conflito Israel-Hamas, as ações ofensivas no ambiente marítimo se intensificaram, além de os alvos israelenses terem se tornado prioritários.

Na próxima seção, serão apontadas as conclusões parciais deste capítulo.

### 3.5 CONCLUSÕES PARCIAIS

Ao se investigar a relevância das guerras por procuração, constatou-se que a instrumentalização de *proxies* permite que um Estado alcance seus objetivos estratégicos com menores custos e riscos, sem envolvimento direto em conflitos. Por outro lado, as guerras por procuração estão inseridas no espectro da zona cinza, situadas entre o conflito e a paz, onde os Estados utilizam meios alternativos em busca de seus objetivos, sendo, por isso, um método estrategicamente vantajoso.

Ademais, o Irã utiliza laços culturais e religiosos com grupos paramilitares, como o Hezbollah, no Líbano, e os Houthis, no Iêmen, a fim de obter vantagens estratégicas como a projeção de poder e de sua influência no Oriente Médio.

Outrossim, inferiu-se que o Irã, após a Revolução Islâmica de 1979, passou a empregar os *proxies* como elementos centrais de sua atuação externa, quando as sanções econômicas impostas e as crescentes tensões regionais compeliram os iranianos a adotar ações na zona cinza. Nesse contexto, o IRGC desempenhou um

papel essencial na articulação com os *proxies* iranianos por meio da Força Quds, oferecendo financiamento, treinamento e transferência de equipamentos e armas.

Além disso, identificou-se que a ITN representa um poderoso instrumento de dissuasão, bem como de projeção da influência iraniana sobre os demais Estados do Oriente Médio, possibilitando ainda a interferência indireta nos conflitos regionais.

A partir de 2015, com a intervenção da Arábia Saudita na guerra civil do Iêmen, em apoio ao governo central, o Irã intensificou o suporte aos Houthis, o que permitiu que se envolvesse indiretamente no conflito. Com isso, a aliança com aquele grupo possibilitou que o Irã utilizasse seu *proxy* como ferramenta de contraposição aos sauditas. Além desse fator, o Irã estabeleceu influência sobre o Estreito de Bab el-Mandeb, corredor marítimo importante para o comércio internacional, promovendo um efeito dissuasório aos interesses dos EUA e da Arábia Saudita naquela região.

Entre 2016 e 2023, os Houthis realizaram uma série de ataques no corredor marítimo do Estreito de Bab el-Mandeb, que visavam a navios mercantes e de guerra, especialmente aqueles com ligações à Arábia Saudita. Dentre as armas empregadas, descobriu-se que apenas a utilização de USV se tratava de uma inovação, como um meio de superfície não convencional. A relevância estratégica daquele estreito ressaltou os impactos negativos dos ataques no transporte marítimo internacional.

Com a eclosão do conflito Israel-Hamas, em 2023, houve uma intensificação das agressões, priorizando-se os ataques aos navios com conexões com Israel, o que ficou conhecido como a Crise do Mar Vermelho. Essas ações forçaram os navios a alterar suas rotas, provocando um aumento nos custos e tempo das viagens. Ademais, o impacto significativo ao comércio marítimo motivou respostas internacionais, como a Operação *Prosperity Guardian*, liderada pelos EUA.

Por fim, ressalta-se que, embora as armas empregadas pelos Houthis fossem mais simples e de menor custo, elas geralmente eram mais efetivas quanto à capacidade de infligir danos aos adversários. Por sua vez, destacam-se os complexos e dispendiosos sistemas de armas utilizados pelos EUA e pela Arábia Saudita para contraposição aos modestos recursos empregados pelos Houthis nas ações ofensivas.

No próximo capítulo, será realizada a confrontação entre as evidências coletadas acerca do objeto de pesquisa e as teorias de apoio.

## 4 AS GUERRAS POR PROCURAÇÃO E AS TEORIAS CLÁSSICAS

Ao analisar o envolvimento do Irã nas guerras por procuração no Oriente Médio, em especial, as suas relações com o movimento político-religioso Houthi e as ações deste grupo paramilitar, no corredor marítimo do Estreito de Bab el-Mandeb, constata-se a oportunidade de confrontar os ataques realizados ao tráfego marítimo, com características de guerra irregular, com preceitos de estratégias navais clássicas.

Assim, o propósito deste capítulo é confrontar as evidências coletadas sobre o objeto desta pesquisa, apontadas no capítulo três, com as teorias da Esquadra em Potência e da *Jeune École*, a fim de descrever as similaridades e diferenças.

Em razão disso, este capítulo, será dividido em três seções: na primeira, serão abordadas as atividades exercidas pelos Houthis, no ambiente marítimo, em confronto com a teoria da Esquadra em Potência; na segunda, será realizada a comparação com a *Jeune École*; e na última, serão apresentadas as conclusões parciais.

Outrossim, neste capítulo serão empregados alguns conceitos que constam no artigo *Defining Military Strategy* (1997), do Coronel do *US Army* Arthur Lykke, que defende que a estratégia é emoldurada pelos seguintes aspectos: fins, métodos e meios. Desse modo, ao longo do capítulo, os **fins** representarão os objetivos a serem alcançados; os **métodos** serão as abordagens a serem empregadas para atingir os objetivos; e os **meios** constituirão os recursos a serem utilizados.

Dessa forma, a seguir serão iniciadas as análises das guerras por procuração praticadas pelo Irã, com ênfase no ambiente marítimo, nas lentes de teorias clássicas.

### 4.1 UMA ANÁLISE À LUZ DA ESQUADRA EM POTÊNCIA

Ao examinar a política externa iraniana no Oriente Médio, caracterizada pelo uso das guerras por procuração para alcançar seus interesses estratégicos, é possível traçar um paralelo com as características da teoria da Esquadra em Potência, originada no século 17. Assim, nesta seção, serão identificadas as similaridades e diferenças entre essa teoria e as guerras por procuração praticadas pelo Irã.

Inicialmente, é importante destacar que, a partir da década de 1980, o Irã adotou um novo modelo estratégico baseado em ações externas praticadas por

*proxies*. Esse modelo visava à expansão regional da influência do Irã e à garantia de sua segurança interna, em um ambiente considerado, pelas lentes iranianas, como hostil. Dessa forma, esta seção descreverá como a utilização de procuradores, especialmente do movimento iemenita Houthi, permitiu que o Irã estabelecesse uma capacidade de Esquadra em Potência no corredor marítimo do Estreito de Bab el-Mandeb, servindo como pilar de sua estratégia regional dissuasória.

As sanções econômicas impostas ao Irã, após a Revolução Islâmica de 1979, provocaram, nos anos subsequentes, consequências negativas para sua economia, impactando os investimentos em suas forças armadas. Por essa razão, o Irã, em comparação com seus principais adversários, possui um poder militar inferior. Como resultado, os iranianos procuram não se envolver diretamente nos conflitos regionais, redirecionando suas práticas de Estado para atividades na zona cinza por meio do emprego das guerras por procuração. Desse modo, o Irã emprega seus *proxies*, assumindo o papel do partido **mais fraco** de uma Esquadra em Potência.

Além disso, com a utilização de procuradores, o Irã preserva suas próprias forças militares, mais modestas, de sofrerem perdas inaceitáveis, mantendo-as **em potência**. Com efeito, o emprego de *proxies* permite ao Irã assegurar seus interesses estratégicos e exercer influência sobre os conflitos regionais, sem envolvimento direto, a fim de evitar os altos custos decorrentes e mitigar os riscos de perdas substanciais.

Ademais, ressalta-se o *modus operandi* dessa Esquadra em Potência remodelada: enquanto o Estado iraniano permanece afastado da participação direta em conflitos, mantendo suas forças militares em uma postura defensiva, também direciona as atividades de seus *proxies* para ações ofensivas e defensivas, visando atingir indiretamente seus interesses no Oriente Médio. Para ilustrar, essa prática foi identificada no contexto da guerra civil no Iêmen, conforme analisado no capítulo três, quando os Houthis, influenciados pelo Irã, realizaram ataques ao tráfego marítimo.

Ao examinar a utilização das guerras por procuração, observou-se a adoção, pelo Irã, de preceitos da Esquadra em Potência. Nesse sentido, destaca-se que, à luz do teorizado por Philip Colomb, a esquadra mais modesta deveria ser preservada em áreas abrigadas, mantida **em potência**, como fonte de ameaça permanente aos adversários. Diante disso, infere-se que a simples existência dos *proxies* iranianos asseguraria os mesmos **efeitos dissuasórios** das esquadras protegidas nos portos.

Dessa forma, os Houthis também representam uma capacidade iraniana **em potência**, atuando como uma força naval preservada, traduzindo-se em uma ameaça crível, sustentada pelo histórico de ataques a embarcações. Assim, conclui-se que o Irã atua por meio da terceirização das ações daquele grupo, cujas relações e métodos de operacionalização se encontram no âmago das guerras por procuração.

A teoria da Esquadra em Potência pressupõe que a mera presença de uma frota estacionada em portos restringe a liberdade de ação dos adversários, atuando como método de **dissuasão existencial**. Da mesma forma, o Irã utiliza sua rede de *proxies* como meio de dissuasão regional, resultando em uma **vantagem estratégica**, contribuindo para sua segurança interna e ampliação de sua influência regional.

Além disso, o emprego de *proxies* no Oriente Médio proporciona aos iranianos uma estratégia dual, com possibilidade de modular sua postura no gerenciamento de seus interesses. Assim, depreende-se que os *proxies* iranianos podem ser utilizados em ações defensivas ou em ofensivas, analogamente à Esquadra em Potência.

Com efeito, os *proxies* aliados do Irã assumem um papel de ameaça constante, por meio de uma postura que, mesmo defensiva, leva seus adversários a considerá-los em seus cálculos estratégicos. Por outro lado, com relação às ações ofensivas, os *proxies* podem atuar em ações como as observadas nos ataques realizados às LCM.

Assim, na guerra civil no Iêmen, identifica-se uma intervenção iraniana de instrumentalização dos Houthis na confrontação indireta aos sauditas, israelenses e estadunidenses. Neste cenário, interpreta-se o mesmo aspecto dissuasório provido pela Esquadra em Potência, que contaria com uma força ativa posicionada nos portos, mas que, nesse caso, está representada pela ameaça dos Houthis ao tráfego marítimo.

Outrossim, conforme teorizado por Julian Corbett, mesmo uma ação naval predominantemente defensiva, como a Esquadra em Potência, pode compreender uma postura ofensiva, viabilizando, de forma oportuna, a **negação do uso do mar**. Além disso, Geoffrey Till complementou que uma esquadra mantida em potência poderá restringir a capacidade do inimigo em estabelecer o controle do mar. Desta forma, seria possível restringir a vantagem militar de um adversário mais forte.

Por conseguinte, na conjuntura da guerra civil no Iêmen, é imperioso destacar que os ataques dos Houthis promoveram a negação do uso daquele corredor marítimo, restringindo a liberdade de navegação. Destarte, constatou-se a capacidade do Irã,

por meio de um *proxy*, em negar o uso do mar de áreas estratégicas afastadas de seu território, sem atuação direta de suas forças militares.

Ainda referente aos ataques ao tráfego marítimo, deduz-se que a Crise do Mar Vermelho, deflagrada em 2023, com impactos negativos ao comércio marítimo internacional, foi resultante da negação do uso daquela LCM. Ademais, destacam-se as ações ofensivas no *harassment* às forças navais adversárias, como ocorrido com os navios de guerra da USN e da Arábia Saudita. Assim, compreende-se que os Houthis, ao atacarem as forças organizadas, restringiram a capacidade daquelas em exercer o controle de suas LCM, conforme teorizado pela Esquadra em Potência.

Ademais, em uma análise tática, registra-se que essas ações se assemelham com os raids *hit-and-run*, constituídos pelas ofensivas de pequeno vulto combinadas com táticas de evasão, peculiares à postura ofensiva da Esquadra em Potência.

Por outro lado, as ações contra o tráfego marítimo e unidades navais no Estreito de Bab el-Mandeb motivaram a adoção de medidas para garantia da segurança nas LCM, como as Operações Tempestade Decisiva e *Prosperity Guardian*, lideradas pela Arábia Saudita e EUA, respectivamente. Com efeito, as ações defensivas por parte desses adversários acarretaram a mobilização e o deslocamento de forças militares para aquela crítica região, resultando na dispersão de forças e um maior dispêndio de recursos financeiros àqueles países. Assim, reconhece-se a capacidade das ações de uma força modesta na **limitação da vantagem militar** de um adversário mais forte.

De outro vértice, a comparação entre o exercício da Esquadra em Potência e o emprego das guerras por procuração pelo Irã também indica diferenças, que serão destacadas a seguir. No passado, o bloqueio naval era considerado uma maneira mais eficaz para contrapor-se a um inimigo que adotasse a Esquadra em Potência, uma vez que a força naval adversária ficava retida nos portos. Contudo, como a utilização de *proxies* para aplicação daquela teoria não depende de uma frota naval, a execução de um bloqueio, neste caso, perderia totalmente o sentido.

Por outro lado, após o desenvolvimento de armas modernas, como mísseis, foguetes e bombas inteligentes, infere-se que a permanência das forças nos portos seria impraticável, haja vista as vulnerabilidades. Contudo, o emprego de *proxies* ao invés de navios, para alcance dos efeitos desejados com a Esquadra em Potência, é eximido do risco de neutralização por aquelas tecnologias.

Assim sendo, a confrontação entre a teoria da Esquadra em Potência e as guerras por procuração iranianas demonstrou relevantes semelhanças e diferenças. Como principais características em comum aponta-se o desenvolvimento de uma dissuasão estratégica regional; a preservação das próprias forças; e as ações ofensivas e defensivas, com possibilidade de negação do uso do mar. Como principal diferença, sublinha-se a ausência de uma frota naval, suprida pela instrumentalização dos *proxies* na busca dos interesses iranianos. Em uma análise comparativa, identificou-se que, embora os **métodos** e **fins** fossem os mesmos, os **meios** eram distintos, visto que os *proxies* foram empregados em substituição aos navios capitais das esquadras.

A seguir, será dada continuidade ao exame das ações empreendidas pelos Houthis no ambiente marítimo, confrontando-as com a estratégia da *Jeune École*.

#### 4.2 UMA ANÁLISE À LUZ DA JEUNE ÉCOLE

Ao prosseguir com o estudo sobre as guerras por procuração praticadas pelo Irã, nesta seção, será realizada uma análise das ações empreendidas pelos Houthis no ambiente marítimo, sob a ótica dos princípios da estratégia da *Jeune École*, destacando as principais semelhanças e diferenças.

A *Jeune École*, originada como uma escola de guerra naval alternativa à escola histórica, advogava a recusa da batalha decisiva. Ademais, os defensores da *Jeune École* difundiam o emprego de novas tecnologias em uma guerra contra o comércio marítimo, a ser implementada pelas marinhas de capacidades inferiores.

Nesse sentido, conforme examinado na seção anterior, o Irã, devido às restrições orçamentárias e à inferioridade de sua capacidade militar, promove a instrumentalização de seus *proxies*, por meio de atividades na zona cinza, a fim de alcançar seus interesses estratégicos. Assim, infere-se que os iranianos, ao adotarem as práticas da *Jeune École*, influenciando seus *proxies*, terceirizam as ações destes últimos, o que, como apontado, está na essência das guerras por procuração.

Além disso, conforme indicado no capítulo três, o Irã, devido ao apoio dedicado aos Houthis exerce grande influência sobre o corredor marítimo compreendido pelo Mar Vermelho, Estreito de Bab el-Mandeb e Golfo de Áden, de elevada importância

para o comércio internacional.

Ao se comparar o objeto desta pesquisa com os conceitos da *Jeune École*, observam-se similaridades e diferenças quanto aos **meios e métodos** empregados, bem como aos **fins** assumidos. Desse modo, ressalta-se que a principal semelhança entre os **métodos** utilizados está no fato de que o preceito fundamental da *Jeune École* e as ações empreendidas pelos Houthis se concentraram na **guerra contra o comércio** marítimo, deixando, em segundo plano, a disputa entre forças organizadas.

Outrossim, a *Jeune École*, por meio de modelo de **guerra irregular**, com ações ofensivas a embarcações, buscava restringir a capacidade do Reino Unido quanto ao controle de suas LCM. Na prática, os franceses exploravam uma das vulnerabilidades da economia britânica: a forte dependência do comércio marítimo.

De forma análoga ao preconizado pela *Jeune École*, os Houthis, a partir de 2016, devido à guerra civil no Iêmen, como também influenciados pelos interesses estratégicos iranianos, intensificaram as ações ofensivas no corredor marítimo do Estreito de Bab el-Mandeb. Essa prática servia como demonstração da capacidade de infligir custos aos seus adversários, manifestando um **efeito dissuasório** aos estadunidenses e sauditas.

Além disso, a partir de novembro de 2023, devido à geopolítica do conflito Israel-Hamas, os Houthis intensificaram as ações ofensivas naquela LCM, incidente conhecido como a Crise do Mar Vermelho, que ocasionou grandes perturbações ao transporte marítimo. Até o final daquele ano, cerca de 50% dos navios mercantes, que utilizavam o Canal de Suez para navegação entre a Ásia e Europa, alteraram suas rotas marítimas, passando a contornar o sul da África. Pelo exposto, interpreta-se também que as ações dos Houthis ocasionavam a **negação do uso do mar**.

Por tais razões, confrontando a *Jeune École* e as ações dos Houthis, quanto aos **métodos** concebidos e os **fins** delineados, identificam-se semelhanças. Em uma abordagem mais estrita, sublinha-se que ambas as condutas tiveram como **método** a guerra irregular contra o comércio marítimo. Por outro lado, no aspecto mais amplo, constata-se que, ao passo que a *Jeune École* buscava debilitar a economia britânica, as ações dos Houthis contra o transporte marítimo de mercadorias, serviam, em última instância, aos interesses regionais iranianos, especialmente quanto à consolidação de sua dissuasão estratégica. Reconhece-se que esse aspecto foi viabilizado com o

aumento da percepção de risco pelos EUA e Arábia Saudita, devido à demonstração da capacidade iraniana em infligir-lhes custos, por meio das ações de seu *proxy*.

Contudo, é oportuno ressaltar que a guerra comercial não é novidade nos conflitos modernos. Para ilustrar, menciona-se a *Tank War*<sup>27</sup> (1981–1988), ocorrida durante a guerra entre Irã e Iraque (1980–1988), quando tais Estados realizaram ataques a 450 navios mercantes, por meio de ações aéreas e do emprego de minas, bombardeios e mísseis, como estratégia, à época, para influenciar o posicionamento das grandes potências (Till, 2018, p. 316).

De outra perspectiva, uma das vertentes da *Jeune École* seria atuar na guerra costeira contra forças organizadas, a fim de restringir o acesso dos meios navais britânicos ao litoral francês, como também para limitar a realização de bloqueios cerrados por aqueles. Assim, de forma secundária, a *Jeune École* também objetivava ações, ainda que defensivas, com emprego de navios do tipo torpedeiros contra forças navais adversárias, de natureza eminentemente tática.

Desse modo, cabe reconhecer que, a exemplo da *Jeune École*, os Houthis não se dedicaram apenas às ofensivas ao tráfego comercial, tendo realizado *harassment* às frotas adversárias, como os ataques efetuados aos navios de guerra da USN e da coalizão internacional liderada pela Arábia Saudita. Contudo, embora com **métodos** semelhantes, os ataques dos Houthis se diferenciam dos **fins** daqueles defendidos pela *Jeune École*, por não objetivarem a defesa do litoral ou o impedimento da realização de bloqueios. Assim, reconhece-se que os ataques dos Houthis às forças adversárias podem ser inseridos na **finalidade** dissuasória do Estado iraniano.

Após efetuada a análise comparativa quanto aos fins e métodos usados, será dada continuidade com a confrontação dos **meios** empregados, que possuem uma guerra de curso remodelada como método comum. Nesse sentido, é relevante acentuar que, ao estudar os recursos utilizados pelos Houthis, observam-se semelhanças e diferenças quanto aos meios empregados pela *Jeune École*, no que se refere às tecnologias aplicadas à guerra naval.

A *Jeune École* apregoava, como base fundamental, a guerra ao comércio, utilizando o potencial de novas tecnologias para sobrepujar a superioridade de forças navais adversárias, com adoção de táticas não convencionais, típicas da guerra

---

<sup>27</sup> Na língua portuguesa, guerra dos petroleiros.

irregular. Com isso, a escola técnica defendia o emprego de meios dotados de torpedos de corrida independente, como torpedeiros, navios pequenos e rápidos, utilizados na guerra costeira; e cruzadores, navios adequados para guerra contra o comércio. Além disso, houve o advento das minas que, em conjunto com os torpedos, eram as maiores inovações tecnológicas da época, conhecidas como equalizadores de poder, por promoverem o equilíbrio entre marinhas de diferentes capacidades.

Entre 2016 e 2023, os Houthis empregaram em seus ataques plataformas e armas cedidas pelos iranianos, como mísseis, minas marítimas, UAV, USV, foguetes e RPG. Neste ponto, deve-se apontar que a maioria das armas e plataformas utilizadas pelos Houthis não retratava, necessariamente, inovações tecnológicas, como representavam as minas e os torpedos guiados para a *Jeune École*. Contudo, o USV, ou *drone* de superfície armado, utilizado a partir de 2017 e aprimorado em 2020, destacou-se como a única novidade tecnológica como plataforma de ataque.

Não há dúvidas de que mísseis, foguetes, minas marítimas e *drones* armados já são usados há algum tempo nos conflitos armados, com cronologia que não está no escopo deste trabalho. Contudo, o que se deve destacar, genericamente, é que, durante os ataques realizados pelos Houthis, tais recursos passaram a ser empregados na guerra naval de forma diferente do observado na história das guerras.

Como resultado, pode-se identificar uma diferença notável. Para a *Jeune École*, as ações ofensivas eram realizadas predominantemente a partir do mar, por meio de torpedeiros e cruzadores, com emprego de torpedos e minas. Por outro lado, os ataques dos Houthis eram essencialmente originados do continente, como observado nos lançamentos de mísseis antinavio, foguetes e RPG, além da operação de UAV e USV, a partir de terra<sup>28</sup>. Além disso, as ações ofensivas eram realizadas por um grupo paramilitar, com emprego de técnicas de guerra não convencionais. Desta maneira, compreende-se que, embora a *Jeune École* e as ações dos Houthis representam o mesmo **método** de atuação, ou seja, a guerra ao comércio, há diferenças quanto aos **meios** disponíveis e às formas de emprego das armas e plataformas de ataque.

Outrossim, sublinha-se, por último, que a *Jeune École* e as ações dos Houthis se assemelham pelo emprego de recursos de menor custo quando confrontados com

---

<sup>28</sup> Dentre as armas empregadas, considera-se que apenas as minas marítimas, devido às especificidades, foram plantadas a partir do mar.

os meios mais dispendiosos dos adversários. No final do século 19, os cruzadores e torpedeiros, além de seus torpedos e minas, eram mais econômicos que os navios capitais. Com relação aos Houthis, estes empregam meios mais simples e de menor custo, como *drones*, foguetes e minas marítimas, quando comparados com os navios mercantes e os navios de guerra com complexos sistemas de combate.

Além disso, destaca-se que, de modo similar ao vislumbrado pela *Jeune École*, as armas empregadas pelos Houthis, além de mais econômicas do que os sistemas das modernas marinhas oponentes, também eram mais eficientes quanto à capacidade de causar danos aos adversários. Desse modo, conclui-se que os meios empregados pelos Houthis também simbolizavam instrumentos equalizadores de poder, tal qual eram considerados as minas e torpedos para a *Jeune École*.

Pelo exposto, compreendeu-se que tanto a escola técnica quanto as ações empreendidas pelos Houthis compartilhavam o mesmo **método** principal de atuação, ou seja, a guerra ao comércio. Com relação aos **fins**, enquanto os franceses da *Jeune École* buscavam debilitar a economia britânica, os Houthis contribuíam para a dissuasão estratégica iraniana. Concernente aos **meios**, concluiu-se que, ao contrário da escola técnica que pregava a utilização de novas tecnologias, os recursos empregados pelos Houthis não eram inovações, mas que passaram a ser utilizados de modo não convencional.

#### 4.3 CONCLUSÕES PARCIAIS

Ao analisar as guerras por procuração iranianas e ações empreendidas pelos Houthis no ambiente marítimo, à luz dos princípios da teoria da Esquadra em Potência e da *Jeune École*, identificaram-se reveladoras similaridades e diferenças.

Com relação à Esquadra em Potência, identificou-se que o Irã adota o papel da força de menor capacidade, empregando seus *proxies*, mantidos em potência, para ações defensivas e ofensivas, na atuação indireta em conflitos e na busca de seus interesses estratégicos. Por outro lado, as forças militares regulares iranianas, embora também consideradas em potência, não são utilizadas em conflitos diretos, mantendo-se preservadas de perdas intoleráveis.

Com efeito, o Irã estabelece uma dissuasão regional, proporcionando uma

vantagem estratégica oportuna para sua segurança interna e para expansão de sua influência regional, por meio da instrumentalização de *proxies* empregados na confrontação indireta com seus adversários, como Arábia Saudita, Israel e EUA.

Além disso, ao inserir os Houthis na moldura da Esquadra em Potência, por meio de ataques ao tráfego marítimo no Estreito de Bab el-Mandeb, reconheceu-se que o Irã consegue impor uma negação do uso daquela importante LCM, afetando o comércio global. Isto posto, identificou-se que, embora os métodos e os fins a que se destinavam as ações iranianas fossem semelhantes aos conceitos da Esquadra em Potência, os meios empregados, ou seja, sua rede de *proxies*, eram distintos.

No que diz respeito à confrontação com os princípios da *Jeune École*, compreendeu-se que a forma de atuação dos Houthis também estava fundamentada na guerra ao comércio, com táticas de guerra irregular, visando causar impactos ao tráfego marítimo. Nesse sentido, destacam-se as consequências da Crise do Mar Vermelho, a partir de novembro de 2023, com perturbações danosas ao transporte marítimo internacional.

Convém ressaltar que o Irã, ao exercer influência sobre os Houthis, por meio da negação do uso daquele corredor marítimo, estabeleceu um efeito dissuasório aos seus adversários regionais, devido ao incremento da percepção do risco diante da demonstração da capacidade iraniana de causar-lhes prejuízos.

No que refere às tecnologias empregadas, deduziu-se que, ao contrário da *Jeune École*, os recursos empregados pelos Houthis, à exceção dos USV, não representavam, de fato, inovações. Na verdade, por ocasião de suas ações ofensivas no ambiente marítimo, esses meios passaram a ser utilizados de formas diferentes, como ataques realizados a partir do continente e conduzidos por um grupo paramilitar, em vez de um Estado. Outra peculiaridade relevante reside no fato de que, ao contrário da *Jeune École*, as ações do Houthis não objetivavam a defesa do litoral.

Outrossim, após a realização das análises, quando se apontou como as ações ofensivas empreendidas pelos Houthis ocasionaram grandes perturbações em uma importante LCM para o comércio internacional, pôde-se constatar que as ações realizadas a partir de terra ainda possuem considerável potencial de influenciar o mar.

Por fim, no próximo capítulo, serão apresentadas as conclusões deste autor.

## 5 CONCLUSÃO

O objetivo geral desta dissertação foi investigar se as guerras por procuração praticadas pelo Irã, com ênfase nos ataques realizados pelos Houthis no ambiente marítimo, entre 2016 e 2023, são aderentes às estratégias navais clássicas da Esquadra em Potência e da *Jeune École*, no que diz respeito à dissuasão regional e à negação do uso do mar.

Para alcançar esse objetivo, foi definida a seguinte questão de pesquisa: a utilização pelo Irã das guerras por procuração, com ênfase nas ações no ambiente marítimo, possui aderência às estratégias da Esquadra em Potência e da *Jeune École*?

Desse modo, o objetivo geral da dissertação foi atingido, uma vez que se verificou que há aderência, embora parcialmente. Isso também responde à questão de pesquisa, uma vez que as evidências confrontadas apontaram para similaridades acompanhadas de diferenças, que serão sublinhadas mais adiante.

No segundo capítulo, foram abordadas as teorias de apoio, bem como outros aspectos conceituais relevantes, em especial, sobre o controle de LCM. Examinaram-se as principais características da Esquadra em Potência, reconhecendo que esta viabiliza uma dissuasão estratégica, além de possibilitar a restrição da liberdade de navegação do transporte marítimo adversário. Ao final do capítulo, analisou-se como a *Jeune École* se destacou como uma nova leitura da guerra de curso, reforçando a importância da negação do uso do mar na guerra contra o comércio marítimo.

No terceiro capítulo, realizou-se um estudo aprofundado sobre o emprego da rede de *proxies* do Irã no Oriente Médio. Ao longo do capítulo, investigou-se como as relações entre iranianos e Houthis serviram como oportunidade para o Irã confrontar seus adversários regionais. Além disso, foram investigadas as ações não convencionais empreendidas por aquele grupo paramilitar, prejudicando o tráfego marítimo no Mar Vermelho, com o registro dos meios e dos métodos empregados.

Com relação às guerras por procuração, compreendeu-se que as operações realizadas por *proxies* iranianos permitiram a conquista de seus objetivos estratégicos com menores custos e sem necessidade de envolvimento direto em conflitos. Ademais, descreveu-se que a rede de *proxies* do Irã, além de permitir a projeção da influência do Estado iraniano no Oriente Médio, funcionava como um instrumento de dissuasão.

Ao se analisar a guerra civil no Iêmen, constatou-se que a ingerência do Irã sobre as atividades dos Houthis, notoriamente por meio do financiamento e transferência de material militar, permitiu a influência iraniana sobre o Estreito de Babel-Mandeb, ponto focal de importância estratégica, além de corredor vital para o comércio marítimo internacional. Dessa forma, examinando os ataques ao tráfego marítimo praticados pelos Houthis entre 2016 e 2023, observou-se, nessas ações, a manifestação dos interesses estratégicos iranianos com pretensões dissuasórias.

No quarto capítulo, compararam-se os aspectos relacionados às guerras por procuração iranianas com enfoque nas ações dos Houthis, no ambiente marítimo, com as teorias da Esquadra em Potência e da *Jeune École* para verificar a aderência aos seus preceitos. Ao longo do capítulo, compreendeu-se como o apoio do Irã ao movimento Houthi contribuiu para a capacidade dissuasória iraniana. Ademais, examinaram-se os ataques ao tráfego mercante, investigando os meios e métodos empregados e suas implicações à liberdade de navegação na LCM do Mar Vermelho.

Ao realizar uma análise comparativa com a Esquadra em Potência, constatou-se que o Irã adota o papel de um poder militar inferior, preservando suas capacidades e utilizando seus *proxies* aliados para influenciar conflitos. Os Houthis, por sua vez, mediante o mecanismo das guerras por procuração, simbolizam, na ótica dos iranianos, uma capacidade em potencial, expressa pela ameaça ao tráfego marítimo. Dessa forma, compreendeu-se que os *proxies* atuam como meio de dissuasão, além de possibilitarem a negação do uso do mar por meio de uma postura ofensiva.

Por outro lado, a principal diferença reside no fato de não haver uma frota naval efetivamente em potência, sendo esta substituída por um *proxy*. Assim, os efeitos das medidas de contraposição a uma esquadra mantida abrigada são anulados, uma vez que a realização de bloqueio, como prática antiga, e o emprego de armas modernas para destruição de navios nos portos são ineficazes contra a atuação dos *proxies*.

Portanto, quanto à aderência à Esquadra em Potência, inferiu-se que, apesar das similaridades constatadas nas finalidades e nos métodos empregados, os meios utilizados, ou seja, os *proxies* diferenciam a estratégia iraniana atual daquela teoria.

Na comparação com os princípios da *Jeune École*, constatou-se que a maior semelhança estava nos impactos econômicos promovidos por uma guerra de curso remodelada, estruturada pela negação do uso do mar. Nesse sentido, os distúrbios

ao tráfego mercante na região do Estreito de Bab el-Mandeb culminaram na Crise do Mar Vermelho, dado os danos ao comércio global. Assim, compreendeu-se que os ataques às LCM foram uma demonstração da capacidade dissuasória dos iranianos.

Com relação às diferenças, interpretou-se que, ao contrário da *Jeune École*, as armas empregadas pelos Houthis, com exceção dos USV, não eram inovações, uma vez que a maior divergência, na verdade, estava no seu modo de operação, visto que tais armas eram empregadas a partir do continente. Outra distinção apontada é que os Houthis não objetivavam a defesa do litoral, também defendida pela *Jeune École*.

Assim sendo, o exame quanto à aderência à *Jeune École* apontou similaridades com relação ao método empregado, ou seja, a guerra ao comércio. Por outro lado, identificou-se que as diferenças residiam na questão da guerra costeira, não praticada pelos Houthis, e no fato de que os meios empregados não se tratavam de inovações.

Pelo exposto, após a confrontação das evidências realizada no capítulo quatro, concluiu-se, como já mencionado, que as guerras por procuração com ênfase no ambiente marítimo como estratégia contemporânea iraniana, têm aderência, embora parcial, às estratégias navais clássicas. Desse modo, a questão de pesquisa também fica completamente respondida.

É oportuno ainda destacar que a análise das perturbações ocasionadas pelos ataques dos Houthis a embarcações no Estreito de Bab el-Mandeb demonstrou como as ações desenvolvidas, a partir de terra, possuem significativo potencial de influenciar o ambiente marítimo, em especial, as LCM situadas em *choke points*, por meio da negação do uso do mar, que viabiliza a capacidade de dissuasão estratégica.

Outrossim, as conclusões apresentadas sugerem, para a MB, a necessidade de contínua avaliação quanto às implicações dos novos meios e métodos, voltados à guerra irregular, empreendidos por grupos paramilitares no mar, dada a possibilidade de adequação de nossa doutrina. Ademais, destaca-se que os eventos descritos nesta dissertação ocorreram na área de responsabilidade da *Combined Task Force (CTF) 151*, que, embora com tarefa específica de combate à pirataria, esteve sob comando da MB até julho de 2024.

Por fim, para pesquisas futuras, sugere-se investigar a necessidade de aprimoramento dos fundamentos doutrinários de guerra naval da MB, no que diz respeito às ameaças híbridas e, em especial, às práticas de guerra não convencionais.

## REFERÊNCIAS

- AFARY, Janet. **Iranian Revolution [1978-1979]**. In: Encyclopedia Britannica, 24 jul. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Iranian-Revolution>. Acesso em: 02 jul. 2024.
- ARTHUR Herbert, Earl of Torrington. **Westminster Abbey**, [s. d.]. Disponível em: <https://www.westminster-abbey.org/abbey-commemorations/commemorations/arthur-herbert-earl-of-torrington>. Acesso em: 30 abr. 2024.
- BRYJKA, Filip. Operational control over non-state proxies. **Security and Defence Quarterly**, [s. l.], v. 31, n. 4, p. 191–210, 2020. Disponível em: <https://securityanddefence.pl/Operational-control-over-non-state-proxies,131044,0,2.html>. Acesso em: 05 ago. 2024.
- BUNTING, Shawn M. **Challenging A Great Power: Iran's Gray Zone Operations in the Middle East**. 2023a. Tese (Mestrado de Artes em Estudos de Segurança) - Naval Postgraduate School, Monterey, CA, 2023. Disponível em: <https://apps.dtic.mil/sti/trecms/pdf/AD1213128.pdf>. Acesso em: 23 maio 2024.
- BYMAN, Daniel. **Why States are Turning to Proxy War**. [s. l.], 2018. Disponível em: <https://nationalinterest.org/feature/why-states-are-turning-proxy-war-29677>. Acesso em: 26 maio 2024.
- CANUEL, Hugues. From a prestige fleet to the jeune école: French Naval Policy and Strategy under the Second Empire and the Early Third Republic (1852–1914). **Naval War College Review**, [s. l.], v. 71, n. 1, p. 93–118, 2018. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26398093>. Acesso em: 05 ago. 2024.
- CAVAS, Christopher P. **New Houthi weapon emerges: a drone boat**. Defense News, 19 fev. 2017. Disponível em: <https://www.defensenews.com/digital-show-dailies/idex/2017/02/19/new-houthi-weapon-emerges-a-drone-boat/>. Acesso em: 24 jun. 2024.
- CHILDS, Nick. **Global implications of the shipping attacks in the Red Sea**. IISS, 19 dez. 2023. Disponível em: <https://www.iiss.org/online-analysis/online-analysis/2023/12/global-implications-of-the-shipping-attacks-in-the-red-sea/>. Acesso em: 27 jun. 2024.
- COLOMB, Philip H. **Naval Warfare: its ruling principles and practice historically treated**. Londres: W. H. Allen and Co., 1891.
- CORBETT, Julian Stafford. **Some Principles of Maritime Strategy**. Londres: Longmans, Green and Co., 1911.
- COUTAU-BÉGARIE, Hervé. **Tratado de estratégia**. Trad: Brigitte Bentolila de Assis Manso et al. 5. ed. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2010.

DAHL, Erik J. Net-centric before Its Time - The Jeune École and Its Lessons for Today. **Naval War College Review**, [s. l.], v. 58, 2005. Disponível em: <https://digital-commons.usnwc.edu/nwc-review/vol58/iss4/9/>. Acesso em: 23 abr. 2024.

DUGGAL, Hanna; HADDAD, Mohammed. **Mapping the Red Sea attacks by Yemen's Houthis**. [s. l.], 2024. Disponível em: <https://interactive.aljazeera.com/aje/2024/mapping-red-sea-shipping-attacks/>. Acesso em: 27 jun. 2024.

FOX, Amos. Strategic Relationships, Risk, and Proxy War. **Journal of Strategic Security**, [s. l.], v. 14, n. 2, p. 1–24, 2021. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/27026631>. Acesso em: 05 ago. 2024.

GULF Cooperation Council. In: **Encyclopedia Britannica**, 03 ago. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Gulf-Cooperation-Council>. Acesso em: 08 ago. 2024.

GRAY, Colin. **Modern Strategy**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

HATTENDORF, John. The Idea of a Fleet in Being in Historical Perspective. **Naval War College Review**, [s. l.], v. 67, n. 1, 2018. Disponível em: <https://digital-commons.usnwc.edu/nwc-review/vol67/iss1/6>. Acesso em: 05 ago. 2024.

HICKS, Kathleen H. *et al.* **By other means. Part I, Campaigning in the gray zone**. Washington, DC: Center for Strategic & International Studies, 2019. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/other-means-part-i-campaigning-gray-zone>. Acesso em: 15 jun. 2024.

HUGHES JR., Wayne; GIRRIER, Robert. **Fleet tactics and naval operations**. 3. ed. Annapolis, Maryland: Naval Institute Press, 2018.

IISS (org.). **Iran's networks of influence in the Middle East**. First published. London: The International Institute of Strategic Studies, 2019. Disponível em: <https://www.iiss.org/publications/strategic-dossiers/iran-dossier/>. Acesso em: 01 jun. 2024.

JALAL, Ibrahim. **The Houthis' Red Sea missile and drone attack: Drivers and implications**. [s. l.], 20 out. 2023. Disponível em: <https://www.mei.edu/publications/houthis-red-sea-missile-and-drone-attack-drivers-and-implications>. Acesso em: 22 jun. 2024.

JONES, Seth G. *et al.* The Iranian and Houthi War against Saudi Arabia. **CSIS Briefs**, [s. l.], 2021. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/iranian-and-houthi-war-against-saudi-arabia>. Acesso em: 26 maio 2024.

JUNEAU, Thomas. Iran's policy towards the Houthis in Yemen: a limited return on a modest investment. **International Affairs**, [s. l.], v. 92, n. 3, p. 647–663, 2016. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1468-2346.12599>.

Acesso em: 05 ago. 2024.

KAUSHAL, Sidharth. **Lessons from the Houthi missile attacks on the UAE**. [s. l.], 2024. Disponível em: <https://rusi.orghttps://rusi.org>. Acesso em: 27 jun. 2024.

KLEBERG, Charlotte. **The Search for a High Seas Solution**. [s. l.]: RAND, 2024. Disponível em: <https://www.rand.org/pubs/commentary/2024/01/the-search-for-a-high-seas-solution.html>. Acesso em: 27 jun. 2024.

KOSHAIMAH, Yahya; ZOU, Xiaolong. An Analysis of Yemen's Geostrategic Significance and Saudi-Iranian Competition for Regional Hegemony. **Contemporary Review of the Middle East**, [s. l.], v. 10, n. 3, p. 251–269, 2023. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/23477989231176141>. Acesso em: 05 ago. 2024.

LAGRONE, Sam. **Destroyer USS Mason unsuccessfully attacked from Yemen**. [s. l.], 2016. Disponível em: <https://news.usni.org/2016/10/10/destroyer-uss-mason-attacked-yemen>. Acesso em: 22 jun. 2024.

LAVERNHE, Thibault. À l'heure de la compétition et de l'innovation, quelques leçons de la Jeune École. **Revue Defense Nationale**, [s. l.], v. 807, n. 2, p. 13–22, 2018. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-defense-nationale-2018-2-page-13.htm>. Acesso em: 05 ago. 2024.

LOTT, Alexander. **Hybrid Threats and the Law of the Sea: use of force and discriminatory navigational restrictions in straits**. [s. l.]: Brill Nijhoff, 2022. Disponível em: <https://brill.com/view/title/61785>. Acesso em: 23 jun. 2024.

LYKKE, Arthur. **Defining Military Strategy**. *Military Review*, v. 77, n. 1, p. 183-186, jan./fev. 1997. Disponível em: <https://www.armyupress.army.mil/Journals/Military-Review/English-Edition-Archives/MR-75th-Anniversary/75th-Lykke/#:~:text=In%20summary%2C%20military%20strategy%20consists,resources%20to%20implement%20the%20concepts>. Acesso em: 09 ago. 2024.

MAZARR, Michael. **Mastering the Gray Zone: Understanding a Changing Era of Conflict**. **Monographs, Collaborative Studies, & IRPs**, [s. l.], p. 16–19, 2015. Disponível em: <https://press.armywarcollege.edu/monographs/428/>. Acesso em: 13 jun. 2024.

MIGAKI, Tim. **Fleet-in-Being: Can an inferior naval fleet defeat a larger one?**. [s. l.], 2021. Disponível em: <https://wordpress.com/read/blogs/151159537/posts/8171>. Acesso em: 20 abr. 2024.

MOLENDIA, Jenevieve. **Houthi Antiship Missiles Target Saudi Oil Tankers**. [s. l.], 2018. Disponível em: <https://missilethreat.csis.org/houthi-antiship-missiles-target-saudi-oil-tanker/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

MUMFORD, Andrew. **Proxy Warfare**. Malden: Polity Press, 2013.

OSTOVAR, Afshon. The Grand Strategy of Militant Clients: Iran's Way of War. **Security Studies**, [s. l.], v. 28, n. 1, p. 159–188, 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09636412.2018.1508862>. Acesso em: 05 ago. 2024.

PALIK, Júlia. **Interstate rivals' intervention in third-party civil wars: The comparative case of Saudi Arabia and Iran in Yemen (2004-2018)**. 2021. PhD - Budapesti Corvinus Egyetem, Budapest, 2021. Disponível em: <http://phd.lib.uni-corvinus.hu/1122/>. Acesso em: 22 jun. 2024.

QUIMBY, Robert S. **Sebastien Le Prestre de Vauban**. [s. l.], 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Sebastien-Le-Prestre-de-Vauban>. Acesso em: 30 abr. 2024.

SCARR, Simon *et al.* Red Sea attacks. **Reuters**, [s. l.], 2 fev. 2024. Disponível em: <https://www.reuters.com/graphics/ISRAEL-PALESTINIANS/SHIPPING-ARMS/lgvdnngyvo/>. Acesso em: 27 jun. 2024.

SPELLER, Ian. **Understanding Naval Warfare**. Abingdon: Routledge, 2014.

STEWART, Phil. **U.S. military strikes Yemen after missile attacks on U.S. Navy ship**. Reuters, [s. l.], 13 out. 2016. World. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/world/us-military-strikes-yemen-after-missile-attacks-on-us-navy-ship-idUSKCN12C29B/>. Acesso em: 22 jun. 2024.

SUTTON, H. I. **Disguised explosive boat may be new threat to tankers off yemen**. [s. l.], 2020. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/hisutton/2020/03/04/new-disguised-explosive-boat-may-threaten-tankers-off-yemen/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

TABATABAI, Ariane; MARTINI, Jeffrey; WASSER, Becca. **The Iran Threat Network (ITN): four models of iran's nonstate client partnerships**. [s. l.]: RAND Corporation, 2021. Disponível em: [https://www.rand.org/pubs/research\\_reports/RR4231.html](https://www.rand.org/pubs/research_reports/RR4231.html). Acesso em: 30 maio 2024.

TILL, Geoffrey. **Seapower: a guide for the twenty-first century**. 4. ed. Abingdon: Routledge, 2018.

US and allies warn houthis of consequences as red sea crisis intensifies. **Yemen Monitor**, [s. l.], 2024. Disponível em: <https://www.yemenmonitor.com/en/Details/ArtMID/908/ArticleID/103048>. Acesso em: 3 ago. 2024.

WAR of the Grand Alliance. In: **Encyclopedia Britannica**, 13 jun. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/War-of-the-Grand-Alliance>. Acesso em: 20 abr. 2024.

WEISS, Caleb. **Analysis: Houthi naval attacks in the Red Sea.** [s. l.], 2019. Disponível em: <https://www.longwarjournal.org/archives/2019/08/analysis-houthi-naval-attacks-in-the-red-sea.php>. Acesso em: 22 jun. 2024.

WILLIAMS, Ian; SHAIKH, Shaan. **The missile war in Yemen,** CSIS, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/missile-war-yemen>. Acesso em: 24 jun. 2024.

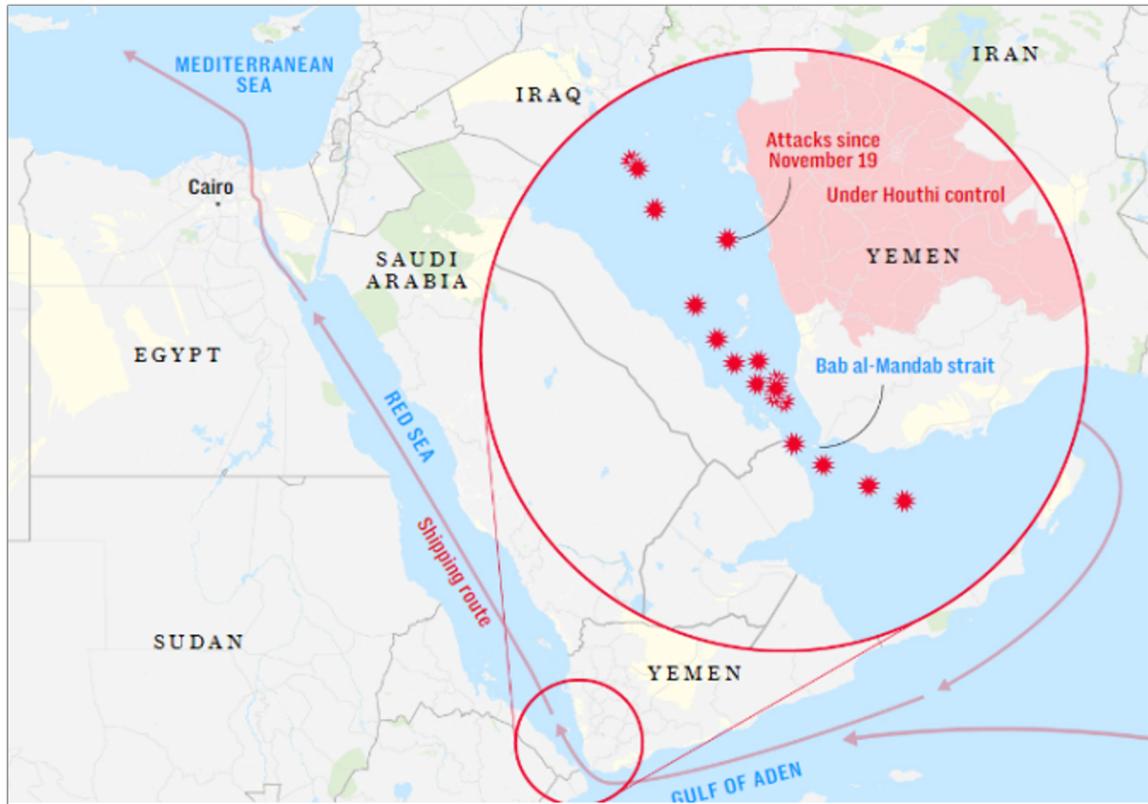
YEMEN conflict: UAE says Houthis attacked civilian ship. **BBC News**, [s. l.], 5 out. 2016. Middle East. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-37561749>. Acesso em: 22 jun. 2024.

YEMEN'S Houthis reject UN call to free UAE-flagged ship. **Al Jazeera**, [s. l.], 16 jan. 2022. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2022/1/16/houthis-reject-un-call-to-free-uae-flagged-ship>. Acesso em: 27 jun. 2024.

ZIMMERMAN, Katherine. **Yemen's Houthis and the Expansion of Iran's Axis of Resistance.** [s. l.], 2022. Disponível em: <https://www.aei.org/research-products/report/yemens-houthis-and-the-expansion-of-irans-axis-of-resistance/>. Acesso em: 27 jun. 2024.

## ANEXO - FIGURAS

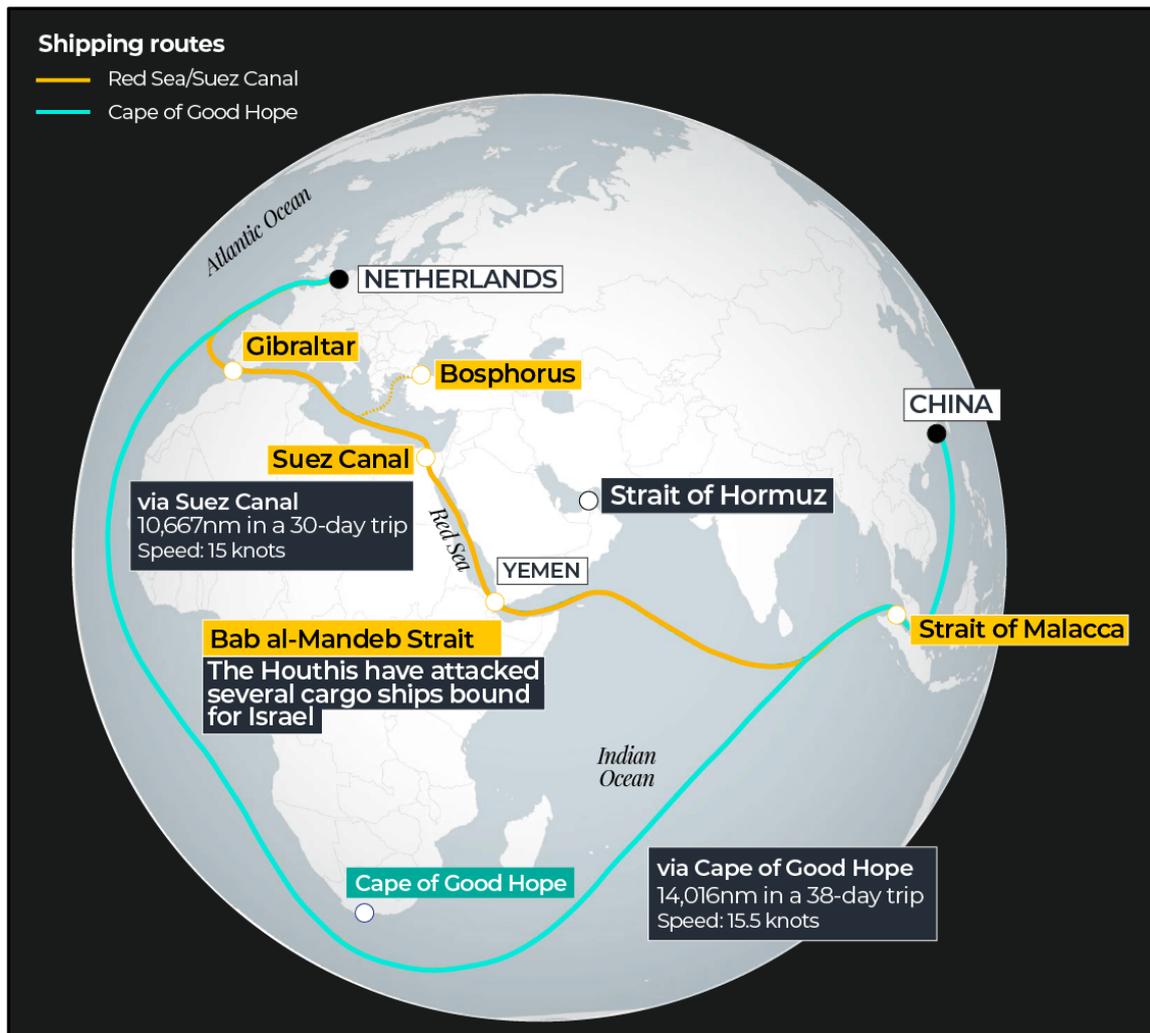
Figura 1 - Ataques ao tráfego marítimo na região do Estreito de Bab el-Mandeb



Fonte: US and allies warn Houthis of consequences as Red Sea crisis intensifies. *Yemen Monitor*. Disponível em: <https://www.yemenmonitor.com/en/Details/ArtMID/908/ArticleID/103048>. Acesso em: 3 ago. 2024.

Nota: Ataques realizados pelos Houthis a dezoito navios mercantes, entre 19 de novembro e 31 de dezembro de 2023, no Mar Vermelho, Estreito de Bab el-Mandeb e Golfo de Aden.

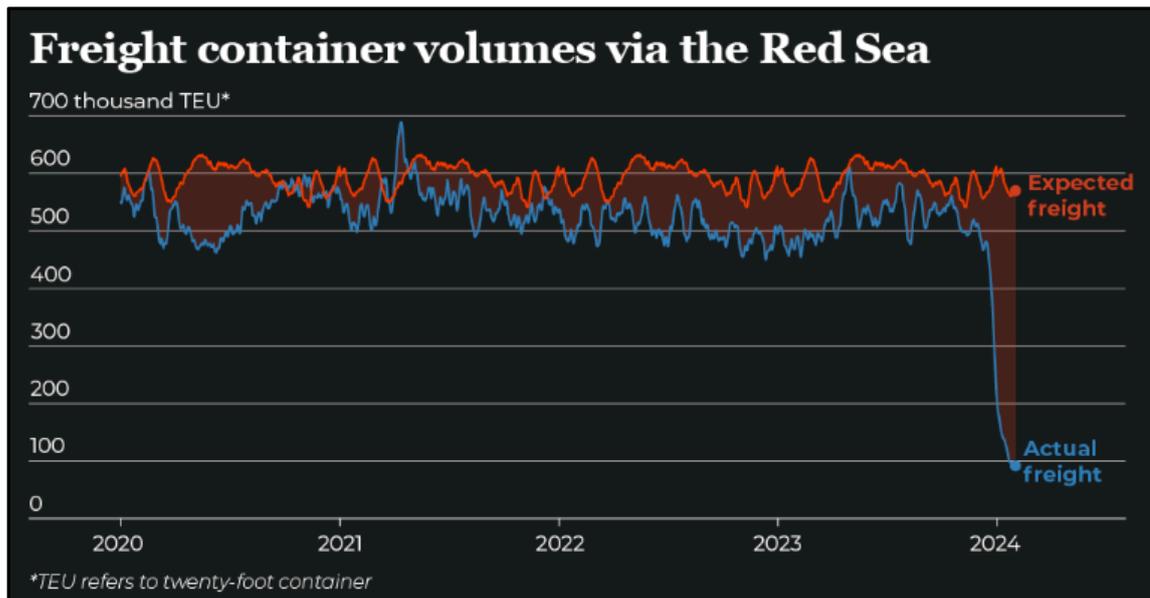
Figura 2 - Desvio das rotas marítimas



Fonte: Mapping Red Sea shipping attacks. *Al Jazeera*. Disponível em: <https://interactive.aljazeera.com/aje/2024/mapping-red-sea-shipping-attacks/>. Acesso em: 3 ago. 2024.

Nota: A linha amarela simboliza a rota regular de transporte marítimo da Ásia à Europa, via Estreito de Bab el-Mandeb, Mar Vermelho e Canal de Suez. Por sua vez, a linha verde representa a rota marítima alterada, contornando o sul do continente africano pelo Cabo da Boa Esperança.

Figura 3 - Diminuição da carga transportada por navios porta-contêineres



Fonte: Mapping Red Sea shipping attacks. *Al Jazeera*. Disponível em: <https://interactive.aljazeera.com/aje/2024/mapping-red-sea-shipping-attacks/>. Acesso em: 3 ago. 2024.

Nota: O gráfico aponta a diminuição do trânsito de navios porta-contêineres no Mar Vermelho ocorrida a partir de novembro de 2023 por meio da demonstração do volume de mercadorias transportadas. Além disso, a linha vermelha simboliza a expectativa de volume de mercadorias a ser transportado, no Mar Vermelho, entre 2020 e 2024. Por outro lado, a linha azul representa o volume de mercadorias a ser efetivamente transportado, no mesmo período.